

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**As Relações Qualitativas entre Capital Social e Desenvolvimento  
em dois Municípios Gaúchos**

**Edson Kazumi de Oliveira Horota**

Orientadora: Prof. Dra. Zilá Mesquita

Porto Alegre, dezembro de 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**AS RELAÇÕES QUALITATIVAS ENTRE CAPITAL SOCIAL E  
DESENVOLVIMENTO EM DOIS MUNICÍPIOS GAÚCHOS**

Dissertação apresentada como  
requisito parcial para a obtenção do  
grau de Mestre em Administração no  
curso de Mestrado em Administração  
do PPGA UFRGS

**Mestrando: Edson Kazumi de Oliveira Horota**

**Orientadora: Prof. Dra. Zilá Mesquita**

Porto Alegre, dezembro de 2001

Nunca seremos livres, enquanto houverem escravos entre nós.

**Autor anônimo**

# SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

RESUMO

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA .....	12
1.2 JUSTIFICATIVA E IMPORTÂNCIA DO ESTUDO.....	13
1.3 OBJETIVOS .....	14
1.3.1 OBJETIVO GERAL .....	14
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	16
2.1 CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO .....	16
2.2 CONCEITO DE CAPITAL SOCIAL .....	19
2.3 ONDE RESIDE O CAPITAL SOCIAL? .....	20
2.4 CARACTERÍSTICAS DO CAPITAL SOCIAL .....	22
2.5 PROBLEMÁTICA DA MENSURAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL .....	25
2.6 RAZÕES PARA A POPULARIDADE DO ASSUNTO .....	26
3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA .....	28
3.1 DEFINIÇÃO DO MÉTODO DE PESQUISA E JUSTIFICATIVAS .....	28
3.2 DELINEAMENTO DE PESQUISA .....	28
3.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA .....	31
3.3.1 QUESTÕES E PROPOSIÇÕES DE PESQUISA .....	31
3.3.1.1 O IDSA COMO INDICADOR DE DESENVOLVIMENTO .....	32
3.3.1.2 CRIANDO A MEDIDA POSSÍVEL DO CAPITAL SOCIAL .....	34
3.3.1.3 VARIÁVEIS OPERACIONAIS: UMA FORMA DE COMPARAR .....	35
3.3.1.4 ESTABELECENDO LIGAÇÕES QUALITATIVAS .....	37
3.3.2 UNIDADES DE ANÁLISE DE ESTUDO .....	39
3.3.3 LÓGICA QUE UNE OS DADOS ÀS PROPOSIÇÕES .....	39
4 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS .....	41
4.1 PERFIL DOS LÍDERES DAS ASSOCIAÇÕES HORIZONTAIS .....	41

4.2 ASSOCIAÇÕES HORIZONTAIS E PARTICIPAÇÃO.....	43
4.2.1 ASSOCIAÇÕES HORIZONTAIS DE CAPELA DE SANTANA .....	45
4.2.2. ASSOCIAÇÕES HORIZONTAIS DE NOVA HARTZ .....	47
4.3 FONTES E USOS DE CAPITAL SOCIAL .....	49
4.4 CONFIANÇA .....	51
4.4.1 CONFIANÇA EM CAPELA DE SANTANA .....	51
4.4.2 CONFIANÇA EM NOVA HARTZ .....	54
4.4.3 COMPARATIVO ENTRE CAPELA DE SANTANA E NOVA HARTZ .....	56
4.5 COOPERAÇÃO .....	59
4.5.1 COOPERAÇÃO EM CAPELA DE SANTANA .....	59
4.5.2 COOPERAÇÃO EM NOVA HARTZ .....	61
4.5.3 COMPARATIVO ENTRE CAPELA DE SANTANA E NOVA HARTZ .....	63
4.6 COMPROMETIMENTO .....	65
4.6.1 COMPROMETIMENTO EM CAPELA DE SANTANA .....	65
4.6.2 COMPROMETIMENTO EM NOVA HARTZ .....	67
4.6.3 COMPARATIVO ENTRE CAPELA DE SANTANA E NOVA HARTZ .....	68
5 RELAÇÕES QUALITATIVAS ENTRE CAPITAL SOCIAL E DESENVOLVIMENTO .....	70
5.1 NÍVEIS DE CAPITAL SOCIAL .....	70
5.2 NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO .....	72
5.3 RELAÇÕES QUALITATIVAS ENTRE CAPITAL SOCIAL E DESENVOLVIMENTO .....	73
6 CONCLUSÕES .....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	77
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	80
GLOSSÁRIO .....	87

## **LISTA DE SIGLAS**

APAE – Associação de Pais e Amigos do Excepcional

CPM – Círculo de Pais e Mestres

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

FEE - Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser

GSS - General Social Survey

HRDS - Human Resource Development Survey

ICDS - Índice de Condições de Domicílio e Saneamento)

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IDH-M - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IDSA – Índice de Desenvolvimento Social Ampliado

IE - Índice de Educação

IR - Índice de Renda

IS - Índice de Saúde

LFCC – Liga Feminina de Combate ao Câncer

PIB - Produto Interno Bruto

SCPS - Social Capital and Poverty Survey

WVS - World Values Survey

## LISTAS DE FIGURAS

Figura 2.1 – Comparativo ente Capital Social Institucional e Capital Social Relacional .....	22
Figura 2.2 – Comparativo entre Capital Físico, Capital Humano e Capital Social ....	24
Figura 3.1 – Mapa parcial do Rio Grande do Sul .....	29
Figura 3.2 – Esquema operacional para Associações Horizontais .....	35
Figura 3.3 – Esquema operacional para Confiança .....	36
Figura 3.4 – Esquema operacional para Cooperação .....	36
Figura 3.5 – Esquema operacional para Comprometimento .....	37
Figura 4.1 – Resultados da Cooperação em Capela de Santana e Nova Hartz.....	64

## LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1 – Comparativo entre IDH-M e IDSA.....	29
Tabela 3.2 –.Comparativo entre Capela de Santana e Nova Hartz.....	30
Tabela 4.1 – Comparativo dos líderes das associações horizontais .....	42
Tabela 4.2 – Comparativo entre os tipos de associações horizontais .....	44
Tabela 4.3 – Fontes de Capital Social .....	49
Tabela 4.4 – Usos do Capital Social .....	50
Tabela 4.5 – Graus de Confiança em Capela de Santana .....	53
Tabela 4.6 – Graus de Confiança em Nova Hartz .....	55
Tabela 4.7 – Comparativo de Confiança entre Capela de Santana e Nova Hartz ....	58
Tabela 4.8 – Graus de Cooperação em Capela de Santana .....	60
Tabela 4.9 – Graus de Cooperação em Nova Hartz .....	62
Tabela 4.10 – Comparativo de Cooperação entre Capela de Santana e Nova Hartz .....	63
Tabela 4.11 – Graus de Comprometimento em Capela de Santana I .....	66
Tabela 4.12 – Graus de Comprometimento em Capela de Santana II .....	66
Tabela 4.13 – Graus de Comprometimento em Nova Hartz I .....	67
Tabela 4.14 – Graus de Comprometimento em Nova Hartz II .....	68
Tabela 4.15 – Comparativo de Comprometimento entre Capela de Santana e Nova Hartz I .....	68
Tabela 4.16 – Comparativo de Comprometimento entre Capela de Santana e Nova Hartz II .....	69
Tabela 5.1 – Comparativo do IDSA entre Capela de Santana e Nova Hartz .....	72



## RESUMO

O **tema** deste estudo é o Capital Social, ou seja, as características da organização social, tais como, confiança, cooperação, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas. Na medida em que se buscam hoje alternativas para se obter maiores níveis de desenvolvimento, principalmente nas regiões mais carentes do planeta, quer-se verificar, e é este o **problema de pesquisa**, se existem ligações qualitativas entre Capital Social e Desenvolvimento no âmbito de dois municípios do Rio Grande do Sul, Capela de Santana e Nova Hartz. Os **objetivos de pesquisa** passaram pela análise de índices de desenvolvimento, pela proposição de um índice para medir Capital Social, pela verificação do “quantum” de Capital Social existente em cada um dos municípios e pelo estabelecimento de uma relação qualitativa entre Capital Social e Desenvolvimento. O **referencial teórico** utilizado foi a literatura hoje existente sobre Capital Social e sobre Desenvolvimento e como **método de pesquisa** optou-se pelo estudo de caso, dentro de um enfoque exploratório. Os **resultados da pesquisa** nos dois municípios permitem afirmar, embora com cautela, que existem ligações qualitativas entre níveis de Capital Social e níveis de desenvolvimento. O estudo também deixou transparecer a necessidade da criação de um índice para medir o Capital Social, por um lado, mas também a extrema dificuldade para operacionalizá-lo e quantificá-lo, de outro.

Palavras-chave: Capital Social; desenvolvimento; confiança; cooperação.

## **ABSTRACT**

The subject of this study is Social Capital or the features of social organization, such as trust, cooperation, norms and networks that can improve the efficiency of society by facilitating coordinated actions. Currently, there are several studies around the world in order to achieve better development levels, especially in the poorly regions of the globe. In this study, we intend to check, and this is the research problem, whether there are qualitative connections between Social Capital e Development in two cities of the state of Rio Grande do Sul in Brazil. Among research objectives one is the choice of a development indicator, the Social Capital indicator proposition, estimating the amount of Social Capital that exists in each one of the cities and the verification of the qualitative connections between Social Capital and Development. The theoretical framework used in this study was based on recent literature about Social Capital and Development. The research method chosen was an exploratory case study. Research outcomes allow us to state, in a rather preliminary view, that there seems to be a qualitative connection between levels of Social Capital and levels of development. This research shows also the need for creation of a Social Capital indicator. On the other hand, there seems to be an extreme difficulty to measure such an indicator.

Key-words: Social Capital, development, cities, trust, cooperation.

# 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, os fatores objetivos que determinam o desenvolvimento sócio-econômico, tem sido repetidamente estudados e pesquisados. Há vários estudos, envolvendo o capital físico, aqui entendido como sendo os recursos materiais, e o capital humano, buscando verificar se contribuem e em que escala para elevar a qualidade de vida das populações.

Nos últimos dez anos, porém, é crescente o número de experiências práticas levadas a cabo em todo o mundo, bem como de estudos e pesquisas, que consideram a importância dos fatores mais subjetivos, tais como confiança, cooperação e participação comunitária, para alavancar o desenvolvimento.

Nesta linha, vem sendo popularizada a expressão “Capital Social”, definida por Putnam (1996) como sendo as características da *organização social*, tais como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas. A organização social é aqui entendida como a organização da sociedade como um todo, tendo por características os modos e formas utilizados no cotidiano das relações e inter-relações entre seus integrantes Este conceito de Capital Social, na verdade, foi definido primeiramente por Coleman (1990) e, desde então, tem despertado o interesse de muitos estudiosos ao redor do planeta.

Economistas preocupados com o desenvolvimento econômico tem incorporado este conceito em seus estudos sobre as desigualdades regionais, apoiados em constatações de que algumas regiões de um mesmo estado, de um mesmo país, de um mesmo continente, experimentam níveis diferentes de desenvolvimento, mesmo tendo, em princípio, as mesmas condições para crescer de maneira uniforme. O próprio Banco Mundial vem financiando projetos e pesquisas sobre o assunto, principalmente nos países subdesenvolvidos.

Putnam (1996) demonstra que há mais capital social nas comunidades do Norte da Itália do que nas do Sul e que isto contribui para que estas sejam menos desenvolvidas do que aquelas. A magnitude de seu trabalho, que se estendeu por quase 20 anos, estimula a imaginação daqueles que, como eu, se preocupa com o futuro de seu próprio país.

Como podem nossas comunidades locais, representadas por seus municípios, melhorar seus vínculos de confiança mútua e, a partir disso, alavancarem seu desenvolvimento? Para responder a esta pergunta é preciso antes verificar a existência do capital social aqui no Brasil, mais precisamente em municípios gaúchos e, na seqüência, dimensionar sua relação qualitativa com o nível de desenvolvimento.

## 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Com o advento da Globalização, fenômeno que se iniciou por volta do início da década de 90, o neo-liberalismo econômico surge como alternativa para o desenvolvimento em alguns países, acarretando mudanças na ordem social e econômica até então vigente. Também na década de 90 ocorre a criação de uma instância alternativa, tanto ao Estado quanto ao mercado, e que, a cada dia, vem ocupando maior espaço: o Terceiro Setor (ver Glossário).

Particularmente, na questão do fomento ao desenvolvimento, constata-se que o Estado vai-se retirando de cena, abrindo mão do papel até então desempenhado, qual seja, o de principal agente promotor do desenvolvimento. No vácuo criado pela sua ausência, deveriam entrar os agentes privados, alocando capital, tecnologia e pessoas naqueles espaços, onde a lógica capitalista antevisse os maiores retornos. Ao Estado, então, ficaria reservado apenas o papel de facilitador do desenvolvimento, articulando os interesses de empresários com as demandas da comunidade.

Seja por fragilidade na formulação conceitual, seja por incompetência na implementação, o fato é que tal modelo não conseguiu resolver a contento a questão do desenvolvimento nos países periféricos, entre eles, o Brasil.

Se, por um lado, parece evidente a diminuição do papel do Estado na economia, por outro, percebe-se que a iniciativa privada não ocupou este espaço na intensidade que se necessitava. Como no embate entre o mar e o rochedo, quem se dá mal é o marisco, no caso, as comunidades. Não fosse o surgimento das Organizações Não Governamentais (ONG) (ver Glossário) e do assim chamado Terceiro Setor (ver Glossário), estariam elas abandonadas à própria sorte, com a difícil tarefa de tomar nas mãos o seu próprio destino sob pena de terem dificuldade de evoluir em seus níveis de desenvolvimento.

Partindo desta constatação, começou-se a pesquisar alternativas de construção do desenvolvimento que tivessem como base os recursos existentes no âmbito de cada comunidade. Dessa vertente, surgiu, entre outros, o conceito de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável.

Uma outra abordagem, conhecida como Capital Social, afirma que fatores não objetivos, tais como confiança, compromisso com o outro, capacidade de cooperar, entre outros, quando existentes em quantidade nas comunidades determinam maiores e melhores níveis de desenvolvimento.

O conceito de Capital Social tem se revelado valioso, tanto que tem sido encampado pelo próprio Banco Mundial numa série de programas e projetos de desenvolvimento em diversos países ao redor de todo o mundo.

Do acima exposto, surge o problema de pesquisa desta dissertação: ***existem relações qualitativas entre níveis de Capital Social e níveis de desenvolvimento em municípios gaúchos?***

## 1.2 JUSTIFICATIVA E IMPORTÂNCIA DO ESTUDO

Em que pese a atuação das Organizações Não Governamentais (ONGs), o modelo econômico hoje existente no país prevê uma atuação muito intensa da iniciativa privada como agente condutor do desenvolvimento em substituição ao Estado promotor e provedor anteriormente em voga. Decorridos mais de 10 anos de sua implementação em nosso país, os indicadores sociais disponíveis não acusam uma melhoria significativa.

Retomar o modelo anterior não parece uma opção viável. Resta, portanto, avançar. Avançar para um novo modelo no qual se busque e se trabalhe os recursos internos das comunidades, mobilizando-os para a construção do desenvolvimento. Tal modelo, no entanto, não está pronto nem acabado, necessitando de mais testes, estudos e experiências práticas para se consolidar.

Por outro lado, com o surgimento explosivo de novos municípios, há um sem número de comunidades que começam a se organizar e que certamente estão à procura de alternativas de desenvolvimento viáveis e inovadoras.

É neste contexto de contribuição para as políticas de desenvolvimento que se insere o presente trabalho. Uma vez que se estabeleçam as ligações qualitativas entre Capital Social e desenvolvimento, estará aberta uma nova perspectiva para o desenvolvimento das pequenas comunidades, qual seja, criar maneiras de aumentar o "quantum" de Capital Social para, por via de consequência, impulsionar o desenvolvimento.

Some-se a isso o fato de que, do ponto de vista teórico, particularmente no Brasil, são raros ainda os trabalhos, envolvendo o tema Capital Social.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Apresentado o problema de pesquisa e ressaltada já a importância e a relevância deste estudo, podemos estabelecer que verificar se existem relações qualitativas entre Capital Social e desenvolvimento é o objetivo geral deste trabalho.

### **1.3.2 Objetivos Específicos**

A partir do objetivo geral acima traçado, pode-se delinear quatro objetivos específicos, conforme segue:

- Escolher um indicador de desenvolvimento sócio-econômico entre os vários existentes.
- Definir um método de medição do “capital social”.
- Verificar quanto de Capital Social cada município possui.
- Estabelecer a ligação qualitativa entre Capital Social e desenvolvimento sócio-econômico nos municípios pesquisados.

Uma vez definidos e explicitados tanto o objetivo geral quanto os objetivos específicos, verificar-se-á a seguir as vertentes teóricas pesquisadas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO

É importante qualificar melhor o conceito de desenvolvimento, pois, em virtude da grande popularização do termo, pode-se interpretá-lo das mais variadas formas. Longe de esgotar o termo, a pretensão aqui é apresentar seus mais comuns significados:

O desenvolvimento econômico ocupa-se do crescimento econômico, acompanhado de modernização tecnológica, sendo mensurado por medidas como o PIB (Produto Interno Bruto) per capita, arrecadação tributária, entre outros. Foi, por muito tempo, considerado como a única ou a mais enfatizada dimensão aceita para avaliar a questão do desenvolvimento.

Por outro lado, o desenvolvimento social leva em consideração os aspectos da vida social, acompanhando indicadores, tais como o índice de desemprego e as taxas de criminalidade.

Já o conceito de Desenvolvimento Humano é relativamente recente e ganhou destaque a partir da criação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em 1990 pelos economistas Mahbub ul Haq e Amartya Sen, este último laureado com o Prêmio Nobel. Seus criadores procuram demonstrar que desenvolvimento não significa o mesmo que crescimento econômico. O índice incorpora, além da renda, a longevidade, expressa pela esperança de vida ao nascer, e o grau de maturidade educacional, avaliada pela taxa de alfabetização de adultos e pela taxa combinada de matrícula nos três níveis de ensino. O IDH demonstra que, mesmo em situações de baixo crescimento econômico, é possível avançar em outras dimensões do desenvolvimento humano.



O desenvolvimento sustentável advém da consciência de compatibilizar o atendimento das necessidades das gerações presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas.

A expressão desenvolvimento sustentável reúne duas idéias aparentemente opostas: a busca de melhores condições de vida para a humanidade, através da adequada produção e oferta de bens e serviços e o controle dos impactos negativos da atividade humana sobre o meio ambiente. Embora o interesse sobre a interação entre desenvolvimento e meio ambiente date de várias décadas, foi a partir da publicação do relatório “Nosso Futuro Comum” pela Comissão Brundtland em 1987, que a expressão ganhou efetivo destaque. Vale ressaltar, porém, que, desde o início da década de 80, o economista Ignacy Sachs já vinha trabalhando o conceito de desenvolvimento sustentável.

Assim, desenvolvimento diz respeito ao direito de todos de desfrutar um nível de vida adequado, em termos de saúde e bem-estar, o que inclui alimentação, vestuário, moradia e assistência médica. Já sustentável se reporta ao não comprometimento das necessidades das gerações futuras, o que implica no não esgotamento do assim chamado “capital ambiental”, ou seja, atentar para:

- a capacidade dos sistemas naturais de absorver contaminações
- a existência finita dos recursos não renováveis
- o uso adequado (racional) dos recursos renováveis

Simultaneamente ao conceito de desenvolvimento sustentável, desenvolveu-se também o conceito de desenvolvimento endógeno, que centra sua atenção na questão regional, buscando compreender porque o nível de crescimento variava entre regiões que dispunham das mesmas condições em termos de capital financeiro, mão-de-obra ou tecnologia.

A teoria endogenista conclui que tais fatores são determinados dentro da região e, por conseguinte, as regiões dotadas destes fatores ou que estejam melhor direcionadas para desenvolvê-los internamente teriam as condições mais apropriadas de lograr um desenvolvimento rápido e equilibrado.

Assim, segundo Souza Filho (1999), o desenvolvimento endógeno se traduz na capacidade da sociedade liderar e conduzir seu próprio desenvolvimento regional, condicionando-o à mobilização dos fatores produtivos disponíveis em sua área geográfica e ao seu próprio potencial.

Vale destacar ainda a posição de Sen (1999) que pensa o desenvolvimento como um processo de expansão das liberdades reais desfrutadas pelas pessoas e propõe uma classificação destas liberdades reais em cinco liberdades instrumentais, quais sejam: facilidades econômicas, liberdades políticas, oportunidades sociais, garantias de transparência e segurança protetora.

Por facilidades econômicas, Sen entende as oportunidades que os indivíduos tem para utilizar recursos econômicos com propósitos de consumo, produção ou troca. Nas liberdades políticas, Sen abrange as oportunidades que as pessoas têm para determinar quem deve governar e com base em que princípios. Como oportunidades sociais, inclui as disposições estabelecidas pela sociedade em relação a aspectos, tais como, a saúde e a educação. Por garantias de transparência, Sen entende a liberdade das pessoas lidarem entre si, no cotidiano das relações sociais, com alguma presunção básica de confiança e um mínimo de sinceridade. Por fim, o autor engloba redes de segurança social, que contemplem benefícios a desempregados, distribuição de alimentos a indigentes, auxílio direto em casos de calamidade pública, no item segurança protetora. (Sen, 2000: 54-57)

Ao propor tal classificação, Sen golpeia de morte as visões mais restritas sobre o desenvolvimento, centradas em parâmetros meramente econômicos, tais como crescimento do PNB, aumento de rendas pessoais, industrialização ou avanço tecnológico.

Além disso, quando cita as garantias de transparência, Sen está destacando o papel da confiança no processo de desenvolvimento, que é precisamente a vinculação que os autores que estudam o Capital Social pretendem estabelecer.

## 2.2 CONCEITO DE CAPITAL SOCIAL

O conceito de Capital Social foi primeiramente definido por Coleman (1988). Esta primeira definição, talvez por seu pioneirismo ou, quem sabe, pela complexidade inerente à própria idéia, foi sendo sucessivamente revisitada por diversos autores, que enriqueceram o conceito inicial, agregando enfoques novos e diferenciados, conforme veremos a seguir.

Coleman inicia conceituando Capital Social pela sua função. Assim, define Capital Social como sendo um conjunto de diferentes entidades, tendo em comum o fato de consistir de alguns aspectos da estrutura social e de facilitar ações dos atores sociais, sejam eles pessoas ou organizações, dentro desta mesma estrutura.

Putnam (1996) associa o termo às características da organização social (ver Glossário), tais como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas.

Já Souza Filho (1999), citando Portes e Landolt (1996), entende Capital Social como “a habilidade de criar e sustentar associações voluntárias”, ou seja, centram seu foco no comportamento das pessoas quando de seus relacionamentos dentro da comunidade.

Para Seralgedin (2000), que também percebe o Capital Social dentro de uma visão comunitária, ele é a cola que mantém as comunidades unidas.

Vale destacar também a definição de Fukuyama (1995), traduzida pelo autor, conforme segue: “Capital Social pode ser definido simplesmente como a existência de um certo conjunto de normas e valores informais compartilhados pelos membros de um grupo e que permitem a cooperação entre eles”. Ao ressaltar normas e valores compartilhados, bem como a finalidade cooperativa, esta definição muito se aproxima da de Putnam (1996), quando menciona que o Capital Social facilita as ações coordenadas.

Também o Banco Mundial, em sua página inicial na Internet ([www.worldbank.org](http://www.worldbank.org)), se aproxima da idéia de Putnam e de Fukuyama, conforme se pode perceber na definição que segue, também pelo autor traduzida: “Capital Social é definido como as normas e as relações sociais inseridas na estrutura social das sociedades que permitem a ação coordenada das pessoas no sentido de alcançar os objetivos desejados”.

### 2.3 ONDE RESIDE O CAPITAL SOCIAL?

Da mesma forma, como são variadas as definições de Capital Social, também são variadas as estruturas nas quais ele pode ser identificado. Seralgedin e Grootaert (2000), conforme citados por Monasterio (2000), lançam algumas luzes sobre este ponto, ao elencar três abordagens: a de Putnam, a de Granovetter e Coleman e a institucional.

Putnam (1996), conforme já mencionado anteriormente, define Capital Social como “as características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”. Putnam, na verdade, embora apresente uma definição bastante ampla, operacionalmente enxergou Capital Social apenas nas normas de cooperação entre os agentes e nas associações horizontais, ou seja, associações não-hierárquicas, com poucas barreiras à entrada e não necessariamente relacionadas com a atividade econômica. Segundo ele, tais associações favorecem os hábitos cívicos, a confiança e o espírito de cooperação, o que, por sua vez, impulsiona o desenvolvimento.

Granovetter (1985) e Coleman (1988, 1990) enveredam pelo caminho da Nova Sociologia Econômica. O primeiro busca superar as duas visões tradicionais sobre o comportamento econômico, segundo a qual os indivíduos ou se comportam de forma atomizada, ignorando as relações sociais, ou seguem estritamente o comportamento esperado para o seu grupo social. Ao invés disso, afirma que as ações econômicas dos agentes estão inseridas numa rede de relações sociais, ou seja, a escolha individual ocorre sim, mas dentro de um contexto de conexões com

os demais agentes. Sem ainda utilizar a expressão Capital Social, Granovetter percebe o potencial das redes sociais para resolver o assim denominado “*dilema do prisioneiro*” e promover a confiança. O dilema do prisioneiro pressupõe um processo de tomada de decisão racional, que envolve confiança, cooperação, omissão e defecção (para uma melhor explicitação do mesmo, ver Glossário). Ou seja, ainda que sob o ponto de vista meramente econômico, há uma redução nos custos das transações entre os agentes econômicos em função do maior grau de confiança e de colaboração.

Já Coleman, quando define Capital Social como todas as maneiras através das quais as relações sociais podem contribuir para a produção, desde a reciprocidade e a confiança entre os agentes, os laços horizontais e até mesmo organizações verticais (ver Glossário) que, intencionalmente ou não, resolvam os problemas da ação coletiva, deixa transparecer, tanto quanto Granovetter, que o Capital Social residiria, de forma um tanto difusa, no âmago da própria sociedade.

Numa derivação do pensamento de Putnam, Coleman e Granovetter, vale registrar ainda a posição de Portes (2000) que considera o Capital Social como atributo do indivíduo que vive numa comunidade que pratica bons hábitos, mesmo que, eventualmente, ele próprio não os pratique. Assim, se determinados indivíduos numa comunidade pagam seus compromissos no prazo previsto ou dirigem defensivamente, os membros restantes desta comunidade detém Capital Social na medida em que podem, por via de consequência, alargar os prazos dos empréstimos ou permitir que seus filhos brinquem nas calçadas despreocupadamente. Neste sentido, Portes traz uma contribuição importante para a discussão sobre Capital Social, na medida em que ressalta que a ação individual de cada um em uma comunidade contribui para o Capital Social da mesma.

Uma abordagem ainda mais genérica é a que inclui o ambiente político e social. Dentro dela, a qualidade do governo e do sistema jurídico, a garantia de liberdades políticas e civis dos indivíduos e a existência de um Estado de Direito seriam componentes do Capital Social. Em outras palavras, o Capital Social poderia ser encontrado nas instituições, o que remete para o conceito de governança, conforme abordado por Bandeira (1999).

Krishna (2000), em “Social Capital – a multifaceted perspective”, de certa forma, resume as três vertentes acima ao propor uma diferenciação entre duas formas de capital social: o relacional e o institucional, conforme quadro abaixo:

	<b>Capital institucional</b>	<b>Capital relacional</b>
<b>Base da ação coletiva</b>	Transações	Relações
<b>Fonte de motivação</b>	Papéis Regras e procedimentos Sanções	Crenças Valores Ideologia
<b>Natureza da motivação</b>	Maximizar comportamento	Enquadrar comportamento
<b>Exemplos</b>	Mercados Estrutura legal	Família Etnia Religião

Figura 2.1 Comparativo entre Capital Social Institucional e Capital Social Relacional

Fonte: Berman (1997: 401-29)

Krishna (2000) alerta que estas duas formas se complementam e precisam coexistir para que o Capital Social possa se sustentar.

Percebe-se que a abordagem sobre o Capital Social que inclui o ambiente político e social guarda forte correlação com o Capital Social Institucional. Já os demais autores citados enxergam o Capital Social dentro de uma ótica mais relacional.

Dentro do escopo deste trabalho, consideraremos o Capital Social como atributo de indivíduos e de grupos sociais.

A abordagem institucional tem um caráter muito amplo, pois contempla o ambiente político e social e estabelece vínculos entre as instituições públicas e desenvolvimento econômico, aspecto que não se pretende aprofundar aqui.

## 2.4 CARACTERÍSTICAS DO CAPITAL SOCIAL

Monasterio (1999) apresenta certas características do Capital Social que o diferenciam do capital físico e do humano. Diferentemente do capital físico, o Capital

Social não deprecia com o uso, ao contrário, a utilização freqüente de uma norma ou de um vínculo de confiança contribui para seu fortalecimento. Outras características típicas são a intangibilidade e a fluidez.

A intervenção externa para sua acumulação, diferentemente do capital físico, é complexa, uma vez que a tentativa de introduzir novas práticas pode destruir as já existentes, não assegurando necessariamente maior eficácia. Neste sentido, o Banco Mundial tem buscado estratégias de indução de acumulação de Capital Social nos países subdesenvolvidos, porém, com resultados ainda pouco conclusivos.

Por fim, a possibilidade de sua mensuração limita-se à construção de variáveis *proxy* ou de pesquisas de opinião.

Putnam (1996) ressalta ainda que o Capital Social, diferentemente do capital convencional, é um bem público, ou seja, não é propriedade particular de nenhuma das pessoas que dele se beneficiam. Neste sentido, o Capital Social facilitaria o que Bandeira (1999) chama a “boa governância”, ou seja, um processo esclarecido e previsível de formulação de políticas públicas, por servidores públicos profissionalizados, por um Poder Executivo que possa ser responsabilizado por suas ações e por uma sociedade civil forte e atuante nas questões de interesse público.

Coleman (1994) em seu artigo “Social Capital in the creation of Human Capital”, publicado no American Journal of Sociology, faz um breve apanhado das diferenças e semelhanças entre o capital físico, o capital humano e o Capital Social, conforme se pode ver no quadro na página seguinte:

<b>Tipo</b>	<b>Elementos</b>	<b>Objetivo intermediário</b>	<b>Objetivo final</b>	<b>Forma de verificação</b>
Capital Físico	Ferramentas Máquinas Equipamentos	Melhores formas de produzir	Maior produtividade	Visível e facilmente observável
Capital Humano	Habilidades Competências Atitudes	Melhores formas de produzir	Maior produtividade	Não visível, mas observável
Capital Social	Confiança interpessoal Crença e reforço de normas não escritas Estabelecimento de expectativas Redes sociais Organização social	Menos custos para produzir	Maior produtividade	Não visível, mas observável em condições especiais, POIS EXISTE SOMENTE NAS RELAÇÕES

Figura 2.2 – Comparativo entre Capital Físico, Capital Humano e Capital Social

Fonte: Coleman , 1994: 18-19) adaptado

O quadro acima deixa claro três aspectos essenciais do Capital Social. Em primeiro lugar, seu objetivo final é o mesmo do Capital Físico ou do Capital Humano, ou seja, buscar uma maior produtividade, produtividade no sentido de fazer mais com menos. Em segundo lugar, enquanto as duas outras formas de capital buscam melhores formas de produzir, o Capital Social trabalha na perspectiva de reduzir os custos para produzir. Por último, e talvez o mais importante, o Capital Social existe somente nas relações, o que impede sua visualização, ao mesmo tempo em que dificulta em muito a possibilidade de mensuração, que é o aspecto que se pretende aprofundar na seqüência.

Evidentemente, este enfoque tem um caráter produtivista, na medida em que enfatiza as relações econômicas. Conforme já exposto, o Capital Social se insere num conceito de desenvolvimento mais amplo, que abriga o econômico, mas não se limita somente a ele.



## 2.5 PROBLEMÁTICA DA MENSURAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL

Se, por um lado, há quase uma unanimidade na bibliografia pesquisada sobre a relevância e a importância do Capital Social como alavancador do desenvolvimento, por outro, ainda se tateia à procura de uma forma satisfatória para mensurá-lo.

Quando afirma “que o civismo é na verdade muito melhor prognosticador do desenvolvimento sócio-econômico do que o próprio desenvolvimento”, Putnam (1996) resume, de forma brilhante, a conclusão de seu trabalho de quase 20 anos, analisando as diferenças regionais entre o Norte e o Sul da Itália. Vem daí a quase unanimidade sobre a relação entre Capital Social e desenvolvimento.

No entanto, quando se pensa em mensuração do Capital Social a situação não é tão pacífica. Fukuyama (1999) relata que uma das fraquezas do conceito é a ausência de consenso sobre como medi-lo. Duas abordagens diferentes já foram testadas: a primeira, implementada por Putnam (1993), consiste em conduzir um levantamento das associações horizontais e dos membros destas associações em uma determinada sociedade; a segunda, levada a cabo por Knack e Keefer (1997) consiste em utilizar dados de pesquisas mais amplas, tais como GSS (General Social Survey) e WVS (World Values Survey) para medir níveis de confiança e de engajamento cívico. Putnam (1995, 1998), num trabalho recente nos Estados Unidos, também se utilizou de dados obtidos no GSS.

Vale destacar que Narayan e Pritchett (1997, 2000) levaram a cabo uma pesquisa para medir Capital Social, utilizando dados do SCPS (Social Capital and Poverty Survey) e do HRDS (Human Resource Development Survey).

O mesmo Fukuyama (1999) propõe ainda uma fórmula experimental para medir o Capital Social de um país, a partir da proposta inicial de Putnam, que consiste em somar os membros de todas as associações horizontais de uma comunidade. A partir disso, acrescenta uma variável  $c$  que mede o grau de coesão interna destas associações, uma variável  $rp$  que mede as externalidades positivas

da prática do “capital social” e uma variável  $r_n$  que avalia o grau de desconfiança e animosidade em relação àqueles que estão fora da associação. Conclui, por fim, em função tanto da subjetividade das variáveis envolvidas como da impossibilidade de medi-las, que criar uma fórmula consistente para medir o estoque de “capital social” de uma sociedade é uma tarefa virtualmente impossível

Monasterio (2000) estabelece seis conexões entre o Capital Social e o desenvolvimento econômico: na primeira, o considera como fator de produção; na segunda, analisa-o dentro da produtividade total dos fatores; na terceira, vincula o Capital Social com o capital humano; na quarta, relaciona-o com o investimento em capital físico; na quinta, traça um paralelo com a inovação tecnológica e, por fim, faz uma ligação entre Capital Social e a qualidade do governo, a boa governança. Porém, não chega a propor uma forma de mensuração, reconhecendo que ainda se faz necessário um maior esforço na pesquisa teórica e empírica, através de indicadores, testes econométricos e estudos de caso, para verificar a pertinência das hipóteses sobre o tema.

Num trabalho anterior, Monasterio (1999) traça um paralelo entre as associações horizontais estudadas por Putnam e Helliwell (1995) e os grupos de interesse e suas coalizões distributivas pesquisadas por Olson (1992). As primeiras, comprovadamente, impactam positivamente no desenvolvimento sócio-econômico, enquanto os segundos, também comprovadamente, prejudicam o todo da sociedade, na medida em que trabalham em prol apenas de seus próprios interesses imediatos. O resultado é decepcionante: não há como estabelecer uma relação conclusiva entre participação em associações e desenvolvimento.

## 2.6 RAZÕES PARA A POPULARIDADE DO ASSUNTO

O conceito de Capital Social tem tido grande aceitação entre os estudiosos por diversas razões. Uma delas, segundo Portes (2000), por retomar processos já estudados no passado sob outros nomes. Durkheim insistia na vida em grupo como antídoto para a anomia e a autodestruição, enquanto Marx distingue claramente uma “classe em si” atomizada e uma “classe para si” mobilizada e eficaz.

Uma outra razão para esta generalizada aceitação é o fato do conceito servir adequadamente a diferentes correntes político-ideológicas. Aos neo-liberais, é interessante a idéia de uma alternativa que contribua para o desenvolvimento dos mercados sem a interveniência do Estado. Aos socialistas e social-democratas, um conceito capitalista, o Capital, amalgamado com uma dimensão social, sugere um processo democrático de base com um cunho marcadamente participativo. Aos anarquistas, o desenvolvimento das comunidades de forma autônoma e num modelo de construção e constituição *bottom-up* (de baixo para cima) também se afigura como bastante sedutor.

Nesta etapa, a idéia foi posicionar o leitor a respeito dos assuntos centrais desta dissertação, Desenvolvimento e Capital Social, buscando estabelecer uma base comum com vistas ao delineamento dos métodos e procedimentos de pesquisa a serem vistos na seqüência.

## **3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA**

### **3.1 DEFINIÇÃO DO MÉTODO DE PESQUISA E JUSTIFICATIVAS**

Considerando que o conceito de Capital Social ainda é relativamente desconhecido e pouco utilizado no Brasil, julgou-se conveniente utilizar, como método de pesquisa, o estudo exploratório. Além disso, na análise de problemas relacionados com as Ciências Sociais, tem-se optado por considerar a técnica do estudo de caso, de forma a ver o problema dentro do contexto de realidade no qual ocorre.

### **3.2 DELINEAMENTO DE PESQUISA**

Pela revisão da literatura, pode-se verificar que o Capital Social é um atributo da organização social, podendo, portanto, ser identificado em qualquer nível da estrutura social. Putnam (1996), porém, buscou identificar a existência de Capital Social no âmbito das províncias do Norte e do Sul da Itália.

No presente trabalho, que tem como uma de suas justificativas contribuir com alternativas inovadoras para a gestão municipal, optou-se por considerar a escala geográfica de município para fins de estudo. De forma a poder estabelecer uma comparação entre níveis de Capital Social e níveis de desenvolvimento, decidiu-se pesquisar dois municípios gaúchos, Capela de Santana e Nova Hartz, ambos localizados a menos de 100 Km da capital, embora apenas Nova Hartz faça parte da região metropolitana de Porto Alegre.

No mapa a seguir, é possível verificar a localização das duas cidades:



Figura 3.1 – Mapa parcial do Rio Grande do Sul

Estes dois municípios foram escolhidos por estarem na mesma situação em um dado momento no tempo. No final de 1987, com diferença de apenas 6 dias, ambos se emanciparam. Considerou-se que, a partir deste fato tão relevante, as duas comunidades experimentaríamos modificações importantes na forma de se relacionar consigo mesmas e com o ambiente externo. Havia também, considerando o Índice de Desenvolvimento Social Ampliado (IDSA) de 1991 e o IDH-M também de 1991, semelhança entre seus indicadores de desenvolvimento, conforme abaixo:

Tabela 3.1 – Comparativo entre IDH-M e IDSA

Cidade	IDH-M 1991	IDSA 1991
Capela de Santana	0.673	0.38
Nova Hartz	0.697	0.40

Fonte: RDH e FEE

Do acima exposto, percebe-se pouca diferença nos indicadores de desenvolvimento dos dois municípios no ano de 1991, apenas quatro anos após a emancipação. Ou seja, embora bastante diferentes do ponto de vista econômico, como se verá mais adiante, numa medida que considere também aspectos sociais e humanos, os dois municípios tem números semelhantes.

Em Capela de Santana, o povoamento se iniciou com os portugueses entre 1738 e 1745. Em 1757, já sediava 8 fazendas. A primeira capela foi construída em 1804. Posteriormente, recebeu imigrantes alemães. Emancipou-se de Canoas e de São Sebastião do Caí através de um plebiscito realizado em 20/09/1987. A Lei 8456 autoriza a constituição do novo município que passa a existir formalmente em 08/12/1987. O município não possui outros distritos além do distrito sede, mas existem três localidades na zona rural, Paquete, Sanga Funda e Pareci, nas quais existe um pequeno núcleo populacional, o que poderia ser o embrião de um distrito.

O outro município sob análise, Nova Hartz, foi colonizado por imigrantes alemães a partir de 1854. Sua industrialização iniciou no começo da década de 80. Emancipou-se de Sapiranga em 02/12/1987 conforme Lei 8429. Além do distrito sede, conta hoje com os distritos de Campo Vicente e de Arroio da Bica.

Localizada no Vale do rio dos Sinos, onde predomina a indústria calçadista, Nova Hartz se caracteriza por contar com cerca de 5 a 6 grandes fábricas de sapatos comandadas por empresários que nasceram, cresceram e criaram seus negócios na própria localidade.

Tabela 3.2 – Comparativo entre Capela de Santana e Nova Hartz

	Capela de Santana	Nova Hartz
Área (Km <sup>2</sup> )	182	58
Altitude do distrito sede (m)	69	36
Latitude	-29,7	-29,6
Longitude	-51,32	-50,90
Distância da capital (Km)	60	75
Total da população residente	10027	15072
Total da população residente urbana	6276	12880
Densidade demográfica (hab/km <sup>2</sup> )	55.24	260.93
Estabelecimentos de ensino pré-escolar	4	5
Estabelecimentos de ensino fundamental	10	10
Estabelecimentos de ensino médio	1	1

	Capela de Santana	Nova Hartz
Hospitais	0	0
Agências bancárias	0	1
Empresas com CGC atuantes	223	455
Pessoal ocupado –unidades locais	973	4923
Estabelecimentos agropecuários –	394	318
31.12.1995		
Pessoal ocupado – estabelecimentos agropecuários	976	696

Fonte: Censo IBGE 2000 (prévia)

O quadro acima permite algumas constatações. Capela de Santana é três vezes maior, territorialmente falando, do que Nova Hartz. Por outro lado, Nova Hartz tem o dobro da população residente urbana e uma população residente 50% maior do que Capela de Santana, o que sugere que Capela de Santana é um município mais rural. Esta suposição se reforça quando se compara o pessoal ocupado nas empresas industriais e o pessoal ocupado nos estabelecimentos agropecuários das duas cidades.

Caracterizados ambos os municípios sob análise, no próximo item buscar-se-á descrever os procedimentos de pesquisa.

### 3.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Partindo das questões de pesquisa, descrever-se-á a seguir, de forma acurada e específica, os procedimentos e instrumentos de pesquisa escolhidos, bem como, o porquê de sua escolha e o que se pretende identificar com sua utilização.

#### 3.3.1 Questões e proposições de pesquisa

O objetivo geral da pesquisa foi resumido anteriormente na pergunta: ***existem relações qualitativas entre níveis de Capital Social e níveis de desenvolvimento***

**em municípios gaúchos?** A resposta a esta pergunta depende da resposta a quatro outras que sintetizam cada um dos quatro objetivos específicos, quais sejam:

- Qual indicador de desenvolvimento sócio-econômico utilizar?
- Como criar ou utilizar uma técnica de medição do Capital Social?
- Como medir e comparar os níveis de Capital Social de cada município?
- Como estabelecer a ligação qualitativa entre Capital Social e desenvolvimento sócio-econômico nos municípios pesquisados?

### 3.3.1.1 O IDSA como indicador de desenvolvimento

Uma vez definida a escala geográfica de município como um dos parâmetros deste trabalho, passou-se a procurar um indicador de desenvolvimento que pudesse ser o mais adequado para espelhar a realidade municipal, especificamente a realidade gaúcha.

A escolha inicial recaiu sobre o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M). Desenvolvido a partir do estudo “Desenvolvimento Humano e Condições de Vida: Indicadores Brasileiros”, o IDH-M foi calculado para todos os municípios brasileiros nos anos censitários de 1970, 1980 e 1991. Sua formatação é semelhante ao IDH, mas não idêntico. O IDH-M considera as três dimensões do IDH (renda, longevidade e educação com pesos iguais), porém faz algumas adaptações de forma a adequar o índice, concebido para comparar países, à unidade de análise, no caso, o município.

Logo, porém, constatou-se que os dados mais recentes do IDH-M datavam de 1991. Em contato com a Fundação João Pinheiro, obteve-se a informação de que o IDH-M 2000, ano do último Censo, base utilizada para estabelecer os indicadores do IDH-M, só estará disponível, e ainda assim em caráter de prévia, em meados de 2002.

Desta forma, impôs-se a definição de uma outra medida de desenvolvimento. Fiel à proposta de considerar um índice que levasse em conta as dimensões sociais do desenvolvimento, além das dimensões meramente econômicas, optou-se por



considerar o Índice de Desenvolvimento Social Ampliado (IDSA) da Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE) como indicador do nível de desenvolvimento dos municípios pesquisados.

O Índice Social Municipal Ampliado para o Rio Grande do Sul é construído a partir de 15 indicadores sociais municipais selecionados. Representa um avanço em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano, apresentado no Relatório sobre o Desenvolvimento Humano no Brasil 1996 (1996) e ao Índice de Desenvolvimento Social (Silveira, Sampaio, 1996) pelo número de variáveis, pela periodicidade (1991 a 1996), pelos modelos de análise e pela configuração de seus quatro blocos, a saber: Condições de Domicílio e Saneamento, Educação, Saúde e Renda. Cada um destes quatro blocos pode ser expresso por um índice. Assim, temos o Índice de Condições de Domicílio e Saneamento (ICDS), o Índice de Educação (IE), o Índice de Saúde (IS) e o Índice de Renda (IR).

As variáveis e os indicadores sociais municipais que compõem cada bloco são as seguintes, respectivamente:

Condições de Domicílio e Saneamento

- a) Média de moradores por domicílio
- b) Proporção de domicílios urbanos abastecidos com água tratada
- c) Proporção de domicílios urbanos com coleta de esgoto cloacal

Educação

- d) Taxa de reprovação do ensino fundamental
- e) Taxa de evasão do ensino fundamental
- f) Taxa de atendimento no ensino médio
- g) Taxa de analfabetismo de pessoas de quinze anos ou mais

Saúde

- h) Unidades ambulatoriais por mil habitantes
- i) Leitos hospitalares por mil habitantes
- j) Número de médicos por mil habitantes
- k) Baixo peso ao nascer
- l) Taxa de mortalidade de menores de cinco anos

Renda

- m) Concentração de renda- salários formais (Índice de Gini)

- n) Proporção de despesa social municipal (Educação e Cultura, Habitação e Urbanismo, Saúde e Saneamento, Assistência e Previdência)
- o) Produto interno bruto municipal per capita a custo de fatores

A metodologia do IDSA consiste na transformação das diversas variáveis em índices, cujos valores variam entre zero e um, de tal forma que aqueles mais elevados evidenciam melhores condições de vida. Assim, o índice do município mais elevado, o melhor, será referenciado como um, e os demais o tomarão como referência. Desse modo, quanto mais próximo de um, melhor colocado estará; quanto mais próximo de zero, pior colocado ficará.

O IDSA é o número resultante da média aritmética dos índices de cada um dos quatro blocos nos quais é dividido, a saber: condições de domicílio e de saneamento, educação, saúde e renda.

#### 3.3.1.2 Criando a medida possível de Capital Social

Estabelecer uma medida de Capital Social, conforme se viu no referencial teórico, é tarefa complexa e, segundo Monasterio (2000) e Fukuyama (1999), ainda não realizada de forma satisfatória. O capital físico é visível e observável, o capital humano é invisível, mas observável, enquanto que o Capital Social, pelo fato de residir nas relações entre os agentes sociais, não é visível e só pode ser observado em situações especiais. Assim, como se pode chegar a medi-lo?

Fukuyama (1999) especula sobre uma medida de Capital Social que abarcasse todo um país, mas conclui pela impossibilidade de estabelecê-la em função tanto da subjetividade das variáveis envolvidas como da impossibilidade de medi-las. Monasterio (2000), pela falta de dados e de mais estudos empíricos, também chega à mesma conclusão. No entanto, o próprio Monasterio (1999) em outro trabalho entende ser possível a mensuração do Capital Social a partir de variáveis proxy, ou seja, variáveis que indiretamente remeteriam à questão do Capital Social.

Não obstante, apesar do pessimismo acima, acredita-se que o estabelecimento de uma medida de Capital Social de abrangência municipal pode ser buscada, inclusive, porque não chegou a ser proposta por nenhum dos autores estudados.

### 3.3.1.3 Variáveis Operacionais: uma forma de comparar

Uma vez encontrada uma proposta de medição viável do Capital Social, ou seja, através de variáveis proxy, pode-se partir para as variáveis operacionais, a partir das quais se pretende identificar a existência e a intensidade de Capital Social nos municípios escolhidos.

As variáveis proxy a serem utilizadas neste trabalho são: existência e funcionamento das associações horizontais, confiança, cooperação, comprometimento, fontes de Capital Social e usos de Capital Social.

Para Putnam (1996), as associações horizontais são o ambiente mais favorável para o florescimento do Capital Social, na medida em que permitem que as pessoas se reunam, se conheçam e troquem informação entre si.

#### a) Existência e funcionamento das associações horizontais

	Associações horizontais	
Definição nominal	Definição operacional	Perguntas da entrevista
Associações de indivíduos pouco hierarquizadas e sem forte barreiras à entrada, onde seus integrantes gozam do mesmo status e do mesmo poder, tais como clubes de futebol, grupos de bolão e clubes de serviço. (Putnam, 1996)	Processo de escolha do líder Presença do líder nos encontros Grau de participação dos membros Quantidade de membros Quantidade de membros presentes nos encontros	Como se tornou líder? Você participa de todos os encontros? Quantos membros tem a associação? Como você classifica a participação deles? Quantos participam dos encontros?

Figura 3.2 – Esquema operacional para Associações Horizontais

## b) Confiança

O grau de confiança existente em uma comunidade pode ser considerado para dimensionar o estoque de Capital Social nela existente.

O esquema abaixo apresenta esta variável, bem como sua definição operacional e as perguntas da entrevista:

	Confiança	
Definição nominal	Definição operacional	Perguntas da entrevista
Expectativa de comportamento estável, honesto e cooperativo	Confiança; o que é? Mais confiança nos pares do que em outros Grau de confiança	O que é confiança? Você confia mais nas pessoas que pertencem à associação? Como saber se alguém é digno de confiança? A quem recorre quando tem problemas?

Figura 3.3 – Esquema operacional para Confiança

## c) Cooperação

A cooperação é um subproduto esperado e desejado no âmbito das associações horizontais e é mais provável nos ambientes nos quais a confiança esteja mais desenvolvida. O esquema desta variável está colocado abaixo:

	Cooperação	
Definição nominal	Definição operacional	Perguntas da entrevista
Desenvolvimento de um trabalho conjunto, visando alcançar um objetivo comum; operar junto (Zilá Mesquita, 1999)	Formas de cooperação Instituições em que a cooperação aparece Segmentos da população que mais cooperam Causas do trabalho voluntário	Dê um exemplo de cooperação? Onde a cooperação acontece com mais facilidade e melhores resultados? Você participa de algum trabalho voluntário? Porque participa?

Figura 3.4 – Esquema operacional para Cooperação

## d) Comprometimento

O grau de comprometimento das pessoas em uma comunidade guarda relação com o estoque de Capital Social nela disponível. Aqui, particularmente, buscou-se identificar o grau de comprometimento de profissionais das áreas de saúde e educação, de modo a eventualmente estabelecer relações entre o nível de envolvimento destes profissionais e os índices de desenvolvimento nas áreas. No esquema abaixo, temos:

	Comprometimento	
Definição nominal	Definição operacional	Perguntas da entrevista
Envolvimento direto, pessoal e voluntário com pessoas, idéias ou causas	Percepção do que seja comprometimento Grau de comprometimento das pessoas Grau de comprometimento dos profissionais da área de saúde e educação	O que é comprometimento? Como você percebe o comprometimento das pessoas daqui? Como você percebe o comprometimento de profissionais da área de saúde e educação?

Figura 3.5 – Esquema operacional para Comprometimento

#### e) Fontes e Usos de Capital Social

A definição nominal das variáveis Fontes de Capital Social e Usos de Capital Social é a que segue:

- Fontes de Capital Social: modos de conduta de alguns indivíduos em uma comunidade que beneficiam indistintamente todos os membros da mesma.
- Usos de Capital Social: benefícios reais usufruídos por toda uma comunidade em função do modo de agir de alguns de seus membros.

#### 3.3.1.4 Estabelecendo relações qualitativas

Para estabelecer ligações qualitativas entre Capital Social e Desenvolvimento a proposta inicial passava pela criação de um índice para o Capital Social, a partir das variáveis operacionais acima elencadas.

Seria definido um indicador a partir da análise do funcionamento das associações horizontais em termos de número de associações existentes no município, número de associados de cada uma, frequência dos encontros e qualidade da participação os mesmos. Além disso, seriam levadas em conta também as externalidades (ver Glossário), tanto positivas quanto negativas. Esta idéia é um desdobramento da proposta de medição do Capital Social aventada por Fukuyama (1999) com uma diferença importante: a medida se restringiria à esfera municipal.

Este indicador se chamaria Índice de Capital Social (ICS) e sua composição contemplaria os seguintes passos:

- a) estabelecer o número de associações horizontais existentes;
- b) comparar este número com o número ideal de associações horizontais que o município deveria ter em função de sua população. Por exemplo, pode-se estabelecer que o número ideal de associações horizontais em um município deva ser 1 para cada 500 habitantes;
- c) estabelecer o número de membros de todas as associações somadas;
- d) comparar este número com o número ideal de membros de associações horizontais que o município deveria ter em função de sua população. Por exemplo, pode-se estabelecer que o número ideal de membros de associações horizontais em um município é igual à metade de sua população;
- e) estabelecer a frequência dos encontros semanais;
- f) comparar este número com a frequência ideal de encontros semanais que uma associação horizontal deveria ter em função de seu tipo (clube social, associação de moradores, CTG, etc). Por exemplo, pode-se estabelecer que a frequência ideal de encontros para um CTG seja de um por semana;
- g) estabelecer um índice numérico que represente a intensidade da participação nestes encontros;
- h) estabelecer uma forma de medição das externalidades, tanto positivas como negativas, decorrentes da atuação das associações horizontais;
- i) multiplicá-los sucessivamente.

O resultado poderia ser expresso na seguinte fórmula:

$ICS = (Ae/Ai) \times (Me/Mi) \times (Ee/Ei) \times (Pe) \times (Ep/En)$ , onde:

ICS: Índice de Capital Social

Ae: número de associações horizontais existente

Ai: número de associações horizontais ideal

Me: número de membros existente

Mi: número de membros ideal

Ee: freqüência de encontros existente

Ei: freqüência de encontros ideal

Pe: grau de participação nos encontros existente

Ep: externalidades positivas

En: externalidades negativas

É bastante evidente a complexidade para o estabelecimento do ICS, particularmente, em função da dificuldade de estabelecer objetivamente o grau de participação nos encontros, bem como as externalidades, o que impediu o seu cálculo, tema que será retomado na parte que trata das relações qualitativas entre Capital Social e desenvolvimento.

O que se pretendia era que os índices de Capital Social assim obtidos fossem relacionados com o IDSA dos anos de 1991 e 1996, de forma a verificar se aqueles municípios que detêm mais Capital Social tiveram ou não maior evolução em seus níveis de desenvolvimento.

### **3.3.2 Unidades de análise de estudo**

Foram escolhidos aleatoriamente 13 líderes de associações horizontais em cada município, ou seja, aproximadamente 70% de toda a população de líderes estimada, o que pode ser considerado uma amostra bastante representativa. Eles constituem a unidade de análise do estudo proposto e foram entrevistados pelo pesquisador através de um questionário, envolvendo perguntas abertas e fechadas.

### **3.3.3 Lógica que une dados às proposições**

Putnam (1996) procurou Capital Social nas associações horizontais. Portes (2000) considera que o Capital Social reside em cada um dos membros de uma comunidade. Unificando estas duas visões, a pesquisa realizada buscou conhecer tanto o funcionamento das associações horizontais como a forma de atuação de seu líder, enquanto membro individual de sua comunidade. Aqui ocorreu a coleta primária de informações.



## **4 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS**

Nesta etapa, a idéia é analisar os resultados à luz da teoria. Para isso, dividiu-se a análise nos seguintes itens, correspondentes às variáveis tomadas como constituintes do Capital Social no presente trabalho: 1) Perfil dos líderes de associações horizontais; 2) Associações horizontais; 3) Usos e fontes de capital social; 4) Confiança; 5) Cooperação e 6) Comprometimento.

### **4.1 PERFIL DOS LÍDERES DE ASSOCIAÇÕES HORIZONTAIS**

Dos 26 entrevistados, 19 são homens e 7 são mulheres, ou seja, os homens representam 73% dos líderes das associações. O líder mais jovem tem 24 anos e é de Nova Hartz enquanto o mais idoso tem 57 anos e é de Capela de Santana. A média de idade dos respondentes é de 41 anos em Capela de Santana e de 42 em Nova Hartz.

Dos 26 respondentes nas duas cidades, 18 moram na zona urbana e 8 na zona rural.

Quanto à profissão, Nova Hartz tem 5 assalariados, 3 empresários, 2 funcionários públicos municipais, 1 autônomo, 1 profissional liberal e 1 aposentado. Já em Capela de Santana, 5 são assalariados, 3 são funcionários públicos municipais, 1 é empresário, 1 é agricultora, 1 é autônoma, 1 é aposentado e 1 é “do lar”.

Dos 26 entrevistados, 16 tem até o 1 Grau completo, 5 tem até o 2 Grau, 3 tem curso superior incompleto e apenas 2 são formados em faculdade.

Dos 13 entrevistados em Nova Hartz, somente 4 nasceram nos limites atuais do município. Três vieram de municípios limítrofes, 5 vieram de outras cidades

gaúchas, principalmente da região do Planalto Médio Gaúcho, e 1 é catarinense.

Em Capela, dos 13 entrevistados, três nasceram nos limites atuais do município, 3 vieram de municípios limítrofes, 3 de municípios do vale do Rio Pardo, 3 de municípios do Planalto Médio Gaúcho e 1 porto-alegrense.

A tabela abaixo resume o acima exposto:

Tabela 4.1 – Comparativo dos líderes das associações horizontais

	Capela de Santana	Nova Hartz	Total
<b><u>Quanto ao gênero</u></b>			
Homens	8	11	19
Mulheres	5	2	7
<b><u>Quanto à profissão</u></b>			
Assalariados	5	5	10
Empresários	3	1	4
Funcionários Públicos	2	3	5
Profissionais liberais	1	0	1
Autônomos	1	1	2
Aposentados	1	1	2
Agricultores	0	1	1
Dona de casa	0	1	1
<b><u>Quanto ao grau de instrução</u></b>			
Até 1. Grau completo	7	9	16
Até 2. Grau completo	3	2	5
Superior incompleto	2	1	3
Superior completo ou além	1	1	2
<b><u>Quanto à naturalidade</u></b>			
Natural do município	3	4	7
Nascido em municípios limítrofes	3	3	6
Nascido em outras cidades do RS	7	5	12
Nascido em outros estados	0	1	1

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Em Nova Hartz, podemos classificar o presidente da Comunidade Católica de Nova Hartz e o presidente da Comunidade Católica de Campo Vicente como autênticos “capitalistas sociais”, em função de seu entusiasmo com as questões associativas e da capacidade de mobilização de seus pares rumo a objetivos desafiadores.

Já em Capela de Santana, desponta o presidente do Rotary, que herda a vontade de participar de seus pais, chegando hoje a se fazer presente, simultaneamente e na condição de presidente, não só do Rotary, mas também na Associação Comercial, Industrial e de Serviços (ACIS) local, no Conselho Comunitário Pró Segurança Pública (CONSEPRO) e em um partido político.

Resumindo, o perfil aproximado de um líder de associação horizontal, nos dois municípios em tela, é o de um indivíduo do sexo masculino, aproximadamente com 40 anos de idade, morador de cidade, assalariado, não nascido na cidade em que vive e com não mais de 8 anos de escolaridade.

Aqui, desponta já um aspecto interessante: dos 26 entrevistados, todos líderes ou presidentes de suas associações, apenas 7, ou seja, apenas 27% são nascidos dentro dos atuais limites do município, considerando que a emancipação dos dois municípios se deu somente em 1989. Haveria uma acomodação dos “nativos” em assumir posições de destaque no seio de sua própria comunidade? Encontram meios de se destacar mais na esfera econômica e/ou política, ao invés da esfera social? Ou, por outro lado, aos de fora, a possibilidade de inserção e legitimação dentro da comunidade passa por um envolvimento maior na dimensão associativa?

Uma outra especulação se relaciona com a mobilidade espacial, ou seja, estarão as migrações internas expressando a posição de pessoas mais inconformadas, que buscam novos caminhos e novas formas de inserção na sociedade através de uma participação mais ativa?

#### **4.2 Associações horizontais e participação**

Recordando Putnam, associações horizontais são associações voluntárias com poucas barreiras à entrada e com pouca hierarquia, normalmente, apenas dois níveis, diretoria e demais membros. Na pesquisa realizada, foram encontradas 26 entidades distribuídas nos seguintes tipos de associações horizontais: associação de moradores, clubes de futebol, clubes sociais, círculo de pais e mestres (CPM), centro de tradições gaúchas (CTG), comunidades de igreja e entidades beneficentes, tais como a Liga Feminina de Combate ao Câncer (LFCC) e a Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE). Clubes de serviço também foram considerados, embora, do ponto de vista da pouca barreira à entrada, não possam ser considerados uma associação horizontal, uma vez que as contribuições dos sócios são consideradas altas, o que dificulta a participação de um grande número de pessoas, haja vista as limitações de poder aquisitivo.

Em Capela de Santana, as associações horizontais predominantes foram os CPM com 6 entrevistas e as associações de moradores com 3, não tendo sido encontrados clubes sociais e de futebol. Já em Nova Hartz, houve uma distribuição mais equilibrada, pois todos os tipos de associações elencados no parágrafo anterior foram encontrados. De todo modo, houve um predomínio de comunidades de igreja com 3 entrevistas, entidades beneficentes com 2 e associações de moradores também com 2 entrevistas.

Tabela 4.2 – Comparativo entre os tipos de associações horizontais

	Capela de Santana	Nova Hartz	Total
Associações de moradores	3	2	5
Centro de Tradições Gaúchas	1	1	2
Círculo de Pais e Mestres	6	1	7
Clubes de futebol	0	1	1
Clubes de serviço	1	1	2
Clube social	0	2	2
Comunidades de Igreja	1	3	4
Entidades (APAE, LFCC)	1	2	3

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Dos entrevistados nas duas cidades 50%, ou seja, a metade, atua também em outras associações em posições de destaque, seja na condição de presidente ou de membro da diretoria. Este dado, a meu ver, indica que o fato de pertencer a uma associação induz, facilita, estimula a participação em outras. Muitos, 19 dos 26 entrevistados, ou seja, 73%, participam da mesma associação há vários anos, alternando-se em cargos de direção ou mesmo como membros ordinários.

Dos 26 entrevistados, vinte e dois (22) participam sempre de todas as reuniões, o que dá 84% do total. A porcentagem é maior em Capela de Santana, 92%, do que em Nova Hartz, com 77%.

Quanto à participação nestas associações, ela é considerada intensa ou muito intensa por 8 dos 13 entrevistados em Nova Hartz, enquanto que, em Capela de Santana, 8 dos 13 entrevistados afirmam que a participação em suas associações é baixa ou muito baixa.

Há uma média de 1,4 encontros por mês nas 26 associações pesquisadas, sem diferença significativa entre as associações de cada município, mas a participação, normalmente, se restringe aos integrantes da diretoria. Encontros com todos os integrantes ou, pelo menos, com a maior parte deles, acontecem na época de eleição e nas festas e eventos que se organizam, geralmente com a finalidade de arrecadar fundos para a própria associação ou para alguma causa ou campanha, do tipo construção de um pavilhão para a associação, construção de uma igreja, construção de um prédio para a APAE, ajuda para uma família que teve sua casa incendiada, para citar alguns exemplos.

#### **4.2.1 Associações horizontais de Capela de Santana**

Há 6 associações de moradores em Capela de Santana, o que pode ser considerado bastante para uma cidade que tem apenas 6.276 habitantes na zona urbana, conforme dados do Censo IBGE 2000. Cada bairro praticamente tem a sua, embora nem todas estejam no mesmo nível de organização. A mais antiga e organizada é a Associação de Moradores da Vila São Lucas, fundada em 1986, que

tem sede própria, onde realiza bailes e festas, tendo um patrimônio hoje estimado em R\$ 150.000,00. A Associação dos Moradores do Parque Primavera, por seu turno, foi fundada em 1992 e estava quase inativa até meados deste ano, quando assumiu a atual diretoria. Também a Associação dos Moradores do Bairro Vila Nova, que existe há 8 anos, também vivia um momento de estagnação, até a posse do atual presidente. Com cerca de 120 integrantes, cobra dos sócios uma mensalidade de R\$ 1,00. Há mais três associações de moradores que se encontram inativas, razão pela qual não se buscou entrevistar seus presidentes.

Os CPM sobrevivem do entusiasmo e da dedicação de seus/suas presidentes. Convivendo com a falta de recursos, principalmente, aqueles localizados na zona rural, e com a indiferença dos pais que participam muito pouco, realizam eventos periódicos, sempre com a finalidade de arrecadar recursos para a escola. Sua maior ou menor atuação está diretamente ligada à postura adotada pelo diretor/diretora da escola.

Quanto aos CTGs, tidos como o segundo maior movimento de massas do mundo, há dois em Capela de Santana, porém, só foi possível entrevistar o presidente de um deles, uma vez que o presidente do outro estava viajando no período da pesquisa. O CTG Querência da Amizade tem 150 integrantes, dos quais 20 pertencem à diretoria, e realiza dois encontros por mês, sendo um administrativo, reunião de diretoria, e outro cultural-artístico.

A APAE local sobrevive das contribuições de seus 90 membros e de campanhas variadas que realiza junto à comunidade. Está agora empenhada na construção de um prédio próprio, que servirá para o desempenho cotidiano de suas atividades.

O Conselho de Pastoral Paroquial da Paróquia de Santa Ana é o pomposo nome da comunidade católica de Capela de Santana. Realiza três festas por ano, sendo a maior a festa da padroeira, na qual chegam a comparecer até 1000 pessoas. Neste mesmo dia, chegam a ser servidos 600 almoços.

O Rotary local realiza encontros semanais, nos quais periodicamente traz palestrantes externos. Nestes casos, abre a reunião para a participação da comunidade. Cobra R\$ 20,00 de seus integrantes a título de mensalidade, valor barato para os padrões dos clubes de serviço.

É possível perceber, embora não se possa comprovar objetivamente, um maior grau de confiança, de comprometimento e de cooperação, ou seja, um maior estoque de Capital Social nas associações de moradores, na APAE e no Rotary. Já nos CPMs e na comunidade católica, a situação se inverte, ou seja, percebe-se comparativamente um estoque mais baixo de Capital Social.

#### **4.2.2 Associações horizontais de Nova Hartz**

As associações de moradores de Nova Hartz se caracterizam por estarem localizadas em bairros populosos. No assim chamado bairro Campo Vicente, na verdade, o principal distrito de Nova Hartz, estima-se uma população de 7.000 habitantes, dos quais 350 são integrantes da associação. Este distrito tem, inclusive, pretensões emancipacionistas, tanto que já formalizou pedido neste sentido junto à Assembléia Legislativa. Enquanto isto, no bairro Vila Nova, que é realmente um bairro, vivem cerca de 1800 pessoas, sendo que 60 participam da associação.

Há um clube de futebol, o Gremínio Futebol Clube, que sobrevive do entusiasmo de seu presidente, quase vitalício, posto que é presidente há 16 anos.

Há dois clubes sociais, a Sociedade de Canto Irmão Unidos Canudos com 150 integrantes e a Sociedade de Canto Concórdia, que possui 700 sócios.

Apenas a presidente do CPM do Instituto de Educação Elvira Jost foi localizada e entrevistada. O CPM congrega 800 pais, mas a participação se resume aos membros da diretoria.

Há um único CTG, o Querência de Nova Hartz, com 100 integrantes, mas com apenas 15 participando das reuniões regulares.

Foram identificadas três comunidades religiosas em Nova Hartz, duas de confissão católica e uma evangélica. A Comunidade Católica de Nova Hartz está construindo uma nova igreja e não pretende parar por aí. Seu presidente, um legítimo “capitalista social”, sonha em construir um hospital, o primeiro da cidade. Na Comunidade de São Luiz Gonzaga, que conta com cerca de 200 membros, o entusiasmo de seu jovem presidente, de apenas 24 anos e em seu primeiro mandato, projeta a reforma do galpão de madeira em mau estado de conservação, onde hoje se realizam as festas da igreja. Já na Comunidade Evangélica de Campo Pinheiro, que fica no distrito de Campo Vicente, seus apenas 89 sócios contribuem com R\$ 25,00 a cada trimestre, um valor alto para uma localidade, no qual predominam trabalhadores assalariados das fábricas de calçados de Nova Hartz, a maior parte deles migrantes da região do Planalto Médio, que vieram atraídos pelas possibilidades de emprego na indústria.

Especificamente em Nova Hartz, evidencia-se neste tipo de associação horizontal um maior grau de participação das pessoas. Há, inclusive, relatos a respeito da construção de uma igreja de “crentes” em apenas 30 dias que teria ocorrido na cidade recentemente. Fala-se de um trabalho feito de forma cooperativa por todos os adeptos, envolvendo trabalho à noite, em sábados e nos domingos. Este fato é realmente verdadeiro e a igreja em questão é a Igreja do Evangelho Quadrangular, localizada na rua Henrique Hoffmann que liga o centro da cidade ao bairro Imigrante.

APAE e Associação de Voluntários no combate ao câncer foram as duas entidades entrevistadas. Nelas predomina o altruísmo e a dedicação de seus presidentes e membros, 12 na primeira e 35 na segunda. Já o Lions local participa ativamente da vida da comunidade, tomando a iniciativa nas mais diversas campanhas. Com um total de 24 membros, realiza reuniões quinzenais na qual, em média, 18 comparecem. Como os cônjuges também participam, o número de pessoas presente em cada reunião é o dobro.

Em resumo, pode-se afirmar que, quanto ao Capital Social, pode-se classificar as associações horizontais de Nova Hartz em dois grupos. No primeiro, no qual podemos relacionar as comunidades de igreja, as entidades beneficentes (LFCC e



APAE) e o Lions, há um grande estoque de Capital Social. No segundo, onde colocamos as associações de moradores, o clube de futebol, os clubes sociais, o CPM e o CTG, há pouco Capital Social.

#### 4.3 FONTES E USOS DE CAPITAL SOCIAL

Portes (2000) faz uma distinção entre fontes e usos de Capital Social. Segundo ele, se uma pessoa numa comunidade tem um comportamento adequado dentro da ótica do Capital Social, os outros membros desta comunidade são os beneficiários, em última análise, deste comportamento. Exemplificando, se uma pessoa evita jogar lixo na rua, os outros se beneficiam disso na medida em que levam sua vida numa cidade mais limpa. Ou seja, tal comportamento é fonte de Capital Social, enquanto que sua consequência, mais qualidade de vida, digamos assim, é o uso.

Nas entrevistas realizadas, houve 13 questões nas quais se procurou identificar fontes e usos de Capital Social, sendo que, oito delas se referiam a fontes e cinco a usos. Eis os resultados comparativos entre as duas cidades nas tabelas abaixo:

Tabela 4.3 – Fontes de Capital Social

<b>Fontes de Capital Social</b>	<b>Capela de</b>	<b>Capela de</b>	<b>Nova</b>	<b>Nova</b>
	<b>Santana</b>	<b>Santana</b>	<b>Hartz</b>	<b>Hartz</b>
<b>(em %)</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
É difícil alguém dar um golpe por aqui, porque a maioria se conhece, pelo menos de vista, lá no clube ou na associação	69	31	77	23
Membros da associação agem de acordo com o que é certo	92	8	77	23
Sabe-se sobre a reputação das pessoas	100	0	85	15
Motoristas praticam a direção defensiva	69	31	85	15
Pessoas pagam dívidas em dia	46	64	38	62

<b>Fontes de Capital Social</b>	<b>Capela de Santana</b>	<b>Capela de Santana</b>	<b>Nova Hartz</b>	<b>Nova Hartz</b>
<b>(em %)</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Pessoas contribuem com dinheiro para caridade	69	31	77	23
Pessoas ajudam outras pessoas sem esperar receber algo em troca	85	15	85	15
Pessoas se preocupam com a limpeza das ruas e com o lixo	31	69	46	64

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Analisando-se os resultados acima, percebe-se um certo equilíbrio nos números de Capela da Santana e Nova Hartz no que se refere às fontes de Capital Social. A reputação das pessoas e a retidão de princípios dos membros da associação aparece mais forte em Capela de Santana do que em Nova Hartz. Porém, quando se fala da preocupação com a limpeza e da contribuição de caridade, o resultado se inverte. Uma hipótese para esta preocupação com a limpeza, especificamente, é o fato de que Capela é uma cidade que se desenvolve basicamente ao longo da rodovia que liga a RS 287 à sede da cidade, sendo comum a deposição de lixo ao longo desta estrada.

Tabela 4.4 – Usos do Capital Social

<b>Usos do Capital Social</b>	<b>Capela de Santana</b>	<b>Capela de Santana</b>	<b>Nova Hartz</b>	<b>Nova Hartz</b>
<b>(em %)</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
Dívidas informais são pagas	77	23	85	15
Pessoas necessitadas sobrevivem da ajuda anônima de pessoas	77	23	85	15
É seguro deixar as crianças brincar nas ruas e praças	77	23	77	23
O “caderninho” nos armazéns é bastante utilizado	100	0	100	0

<b>Usos do Capital Social</b>	<b>Capela de Santana</b>	<b>Capela de Santana</b>	<b>Nova Hartz</b>	<b>Nova Hartz</b>
<b>(em %)</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
É agradável caminhar e passear pelas ruas da cidade	100	0	92	8

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Pelo quadro acima, concluí-se também que não há diferença significativa entre os resultados das duas cidades, quando se trata de usos do Capital Social.

#### 4.4 CONFIANÇA

A confiança é um componente central do Capital Social, a tal ponto que alguns autores chegam a colocá-los como sinônimos.

Na pesquisa, há perguntas variadas sobre o tema como se pode observar no quadro 3.4 do capítulo “Métodos e procedimentos de pesquisa”. Eis os resultados em cada cidade.

##### 4.4.1 Confiança em Capela de Santana

Instados a definir confiança, os entrevistados tiveram muita dificuldade de fazê-lo. Apenas um dos entrevistados foi capaz de formular uma definição em uma frase, qual seja, “confiança é acreditar que a (outra) pessoa vai agir corretamente”. Seis pessoas relacionaram confiança com pessoas nas quais se poderia acreditar ou mesmo contar com elas. Três pessoas relacionaram confiança com aspectos do relacionamento humano, tais como amizade, respeito mútuo e compromisso. Duas pessoas fizeram menção à capacidade de honrar compromissos financeiros, tanto de si para outros, como dos outros para si.

Quando questionados se confiavam mais em pessoas conhecidas da associação comparativamente a outras, de fora da associação, 10 dos 13

entrevistados, o que dá 77%, disseram que não confiavam necessariamente mais em uma pessoa pelo fato dela pertencer à mesma associação. Aqueles que responderam sim, justificaram sua resposta dizendo que “nas pessoas da associação dá para confiar mais” e que “o convívio era maior”.

Na pergunta sobre como saber se alguém é digno de confiança, cinco dos entrevistados responderam que, pelas atitudes, se poderia saber se alguém é confiável. Três afirmaram que, pela conversa, se pode ter uma idéia. Outros três disseram que só com o tempo. Dois ainda disseram que não conseguem perceber, sendo que para um “todo mundo é bom”, enquanto que outra relatou que, como não percebe, acaba “caindo do cavalo”, ou seja, se decepcionando.

Na pergunta: A quem você recorre quando tem problemas, tivemos seis referências à família, três aos amigos, três à prefeitura e três a Deus ou à religião. A pergunta era feita propositadamente de forma aberta, não colocando o tipo de problema, de modo que o respondente citasse a primeira pessoa da qual se lembrasse.

A pergunta sobre grau de confiança relacionava diversas pessoas/instituições com graus de confiança que variavam de nenhum a total, passando por muito baixo, baixo, alto e muito alto, solicitando do respondente uma graduação para cada pessoa/instituição citada.

As pessoas/instituições constavam previamente da pergunta. Destaque-se ainda que era facultado ao respondente não responder sobre alguma pessoa/instituição se assim o desejasse. Por esta razão, eventualmente a soma das respostas não chega a 13, que foi o número de pessoas entrevistadas em Capela de Santana.

A tabela da próxima página apresenta os resultados, ressaltando, mais uma vez, que a coluna “Total” se refere ao grau de confiança depositado e não ao somatório das respostas dadas:

Tabela 4.5 – Graus de Confiança em Capela de Santana

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Em si mesmo				2	1	10
Família				2	1	10
Vizinhos			6	2	2	3
Patrão			3	1	1	4
Empresários em geral	1	1	8	2		1
Imigrantes de outras cidades do RS		1	6	6		
Imigrantes de outros estados			10	3		
Estrangeiros	1	2	7	1	2	
Juizes		1	2	7		3
Poder Judiciário		1	3	7	1	1
Policiais Civis	1	2	4	4		2
Policiais Militares		2	6	3		2
Vereadores Câmara de Vereadores		2	6	4	1	
Deputados Estaduais	3	2	4	2	1	1
Assembléia Legislativa	3	1	3	3		2
Deputados Federais	3	3	4	2		1
Senadores Câmara dos Deputados	1	4	6	1	1	
Senado Federal	2	5	4	1		1
Prefeito Municipal	3	3	5	1	1	
Governador do Estado	2	1	5	4	1	
Presidente da República	2	2	6	2	1	
Imprensa local			5	6		2
Imprensa estadual			4	7	1	1
Imprensa nacional	1		5	4	3	

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Percebe-se um grau de confiança quase total em si mesmo e na família. Para os vizinhos, predomina um baixo grau de confiança. Para o patrão, predomina uma confiança alta. Já para os empresários, predomina a baixa confiança. O mesmo vale

para todos os tipos de imigrantes. Para o Poder Judiciário, predomina a alta confiança. Para a Polícia, baixa confiança. Para o Legislativo, predomina uma confiança baixa, que vai se agravando à medida em que se sai da esfera municipal e se avança para a federal. No Executivo, percebe-se uma diferença na esfera municipal, que goza de uma confiança muito alta, enquanto que, na esfera estadual e nacional, a confiança é baixa. Por fim, no que tange à imprensa, predomina uma confiança alta, independentemente da dimensão.

#### 4.4.2 Confiança em Nova Hartz

Instados a definir confiança, os entrevistados em Nova Hartz também tiveram muita dificuldade de fazê-lo. Quatro pessoas disseram que hoje em dia é muito difícil poder confiar em alguém. A definição mais completa foi: confiança é *“acreditar em ti mesmo e fazer com que os outros ao teu redor se sintam seguros quanto às tuas atitudes”*. Quatro entrevistados relacionaram confiança com pessoas nas quais se poderia acreditar ou mesmo contar com elas. Duas pessoas relacionaram confiança com honestidade e boa índole.

Quando questionados se confiavam mais em pessoas conhecidas da associação comparativamente a outras, de fora da associação, 9 dos 13 entrevistados, o que dá 69%, disseram que não confiavam necessariamente mais em uma pessoa pelo fato dela pertencer à mesma associação. Aqueles que responderam sim, justificaram sua resposta dizendo que *“como já moro aqui há 24 anos, eu já conheço as pessoas que a gente pode confiar e não pode”* e que *“são pessoas selecionadas”*.

Na pergunta sobre como saber se alguém é digno de confiança, três dos entrevistados responderam que, pelas atitudes, se poderia saber se alguém é confiável. Dois afirmaram que pelo falar se pode ter uma idéia. Outros três disseram que só com o tempo, o conhecimento e a convivência. Duas pessoas colocaram que pela parceria e pelo cumprimento das tarefas delegadas poderiam saber se alguém é ou não confiável.

Na pergunta: A quem você recorre quando tem problemas, tivemos cinco referências ao cônjuge, quatro à família, três aos amigos, duas a si mesmo, duas a colegas, uma à prefeitura e uma à própria mãe. A pergunta era feita propositadamente de forma aberta, não colocando o tipo de problema, de modo que o respondente citasse a primeira pessoa da qual se lembrasse.

A pergunta sobre grau de confiança relacionava diversas pessoas/instituições com graus de confiança que variavam de nenhum a total, passando por muito baixo, baixo, alto e muito alto, solicitando do respondente uma graduação para cada pessoa/instituição citada.

As pessoas/instituições constavam previamente da pergunta. Destaque-se ainda que era facultado ao respondente não responder sobre alguma pessoa/instituição se assim o desejasse. Por esta razão, eventualmente a soma das respostas não chega a 13, que foi o número de pessoas entrevistadas em Nova Hartz.

Tabela 4.6 – Graus de Confiança em Nova Hartz

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Em si mesmo				2	1	9
Família				2	1	10
Vizinhos			2	7		4
Patrão				3		3
Empresários em geral	1		2	5	1	4
Imigrantes de outras cidades do RS			7	3	1	1
Imigrantes de outros estados			8	4	1	
Estrangeiros		1	7	3	1	
Juizes		1	3	5	3	1
Poder Judiciário		1	3	6	2	1
Policiais Civis	1		3	6	1	2
Policiais Militares	1		3	6	1	2
Vereadores	1	1	5	5		1
Câmara de Vereadores	1	2	4	5		1
Deputados Estaduais			6	7		

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Assembléia Legislativa			7	6		
Deputados Federais	1	1	7	4		
Senadores	1		7	5		
Câmara dos Deputados	1		8	4		
Senado Federal			6	7		
Prefeito Municipal			3	5	1	4
Governador do Estado	1	2	3	4	1	2
Presidente da República	1		3	5	4	
Imprensa local	2		2	2	1	
Imprensa estadual		1	2	7	1	1
Imprensa nacional			3	7	1	1

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Percebe-se um grau de confiança quase total em si mesmo e na família. Para os vizinhos, predomina um alto grau de confiança. Para o patrão, predomina uma confiança alta. Já para os empresários, predomina uma confiança muito alta. Para os imigrantes, independentemente da dimensão, predomina um baixo grau de confiança. Já para o Poder Judiciário, predomina a alta confiança. Para a Polícia, idem. Para o Legislativo local e estadual, predomina o equilíbrio, enquanto que no Legislativo Federal se percebe um baixo grau de confiança. No Executivo, percebe-se uma confiança muito alta na esfera municipal e federal e um equilíbrio no que se refere ao Executivo estadual. Por fim, no que tange à imprensa, predomina uma confiança alta na esfera estadual e nacional e um equilíbrio no que tange à esfera local.

#### 4.4.3 Comparativo entre Capela de Santana e Nova Hartz

Comparando-se os resultados das questões relativas à confiança nas duas cidades, destacamos os seguintes pontos:



Na questão na qual se solicitava uma definição de confiança, houve dificuldade dos respondentes em conceituar o termo. No entanto, quatro pessoas de Nova Hartz disseram que está difícil confiar em alguém nos dias de hoje contra nenhuma pessoa de Capela de Santana.

Na pergunta “Você confia mais nas pessoas pertencentes às associações das quais você participa?”, a resposta NÃO foi um pouco mais freqüente em Capela de Santana (77%) do que em Nova Hartz (69%), embora a diferença nos percentuais seja de apenas uma pessoa. Este NÃO é relevante, pois contraria Portes (2000) quando este autor defende a idéia de que um dos efeitos negativos do Capital Social seria uma maior discriminação e xenofobia em relação a pessoas de fora da associação. No caso presente, isto não se verificou.

Na pergunta “Como você sabe se alguém é digno de confiança ou confiável?”, as respostas foram bastante semelhantes nas duas cidades, no entanto, em Nova Hartz, duas pessoas vincularam a confiabilidade ao cumprimento de tarefas previamente combinadas, enquanto que, em Capela de Santana, este aspecto sequer chegou a ser mencionado.

Já na pergunta “A quem você recorre quando tem problemas?”, três pessoas se referiram a Deus e três pessoas se referiram à Prefeitura, isto em Capela de Santana. Já em Nova Hartz, uma apenas se referiu à Prefeitura e nenhuma se referiu a Deus e isto que foram entrevistados três líderes de comunidades religiosas. Ou seja, em Capela de Santana, parece ser mais fácil conseguir ajuda fora da comunidade do que dentro dela, comparativamente à Nova Hartz.

Para poder comparar o grau de confiança entre Capela de Santana e Nova Hartz, compilou-se o resultado dos quadros anteriores na forma abaixo, buscando uma forma de agrupamento por áreas de atuação, de forma a identificar diferenças e semelhanças entre os dois municípios.

Tabela 4.7 – Comparativo de Confiança entre Capela de Santana e Nova Hartz

	Nenhuma	Muito baixa	Baixa	Alta	Muito alta	Total
Família/si mesmo						CS/NH
Vizinhos			CS	NH		
Patrão atual				CS/NH		
Empresários em geral			CS		NH	
Imigrantes			CS/NH			
Judiciário				CS/NH		
Polícia			CS	NH		
Legislativo			CS/NH			
Executivo			CS	NH		
Imprensa				CS/NH		

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Pela tabela acima, é possível concluir que o grau de confiança depositada no outro em Nova Hartz é maior do que em Capela de Santana.

Chama a atenção, particularmente, as diferenças constatadas em relação aos vizinhos, que é, de alguma forma, por onde começa a vida comunitária. Curiosa também é a baixa confiança em relação aos imigrantes, uma vez que, nos dois municípios, é expressiva a presença de migrantes, principalmente vindos de outras cidades do estado. Este aspecto se reforça na medida em que a maior parte dos entrevistados, cerca de 77%, são eles próprios nascidos em outras cidades.

Além disso, no caso de Nova Hartz, o grau de confiança está graduado como alto ou mais do que isso em todos os segmentos, à exceção dos imigrantes e do poder legislativo.

O fato da confiança nos empresários ser considerada muito alta em Nova Hartz pode ser creditado, em alguma medida, ao comportamento dos empresários locais, particularmente aqueles ligados ao setor calçadista. São pessoas de origem humilde que construíram fábricas competitivas na cidade (Calçados Ramarim, Calçados Sandra, Calçados Marte e Calçados Racket), adotando, ao longo do tempo, uma política de recursos humanos mais avançada do que a média do Vale do Sinos. Além disso, participam ativamente do dia-a-dia da comunidade.

Pode-se concluir, por todo o acima exposto, que a confiança é maior em Nova Hartz do que em Capela de Santana.

#### 4.5 COOPERAÇÃO

Se há Capital Social em alguma comunidade, então esta comunidade é capaz de cooperar entre si das mais diversas formas. Esta é a razão para a inserção de perguntas sobre a cooperação.

Vejamos as respostas em cada cidade:

##### **4.5.1 Cooperação em Capela de Santana**

Como exemplos de cooperação ocorridos na cidade de Capela de Santana, seis pessoas relataram a ajuda e a participação em festas, incluindo as festas de igreja, enquanto outras três falaram da colaboração de todos para ajudar a reconstruir uma casa incendiada.

Outros exemplos dados foram: campanha de arrecadação de fundos para a construção do prédio da APAE, doação de material para a reconstrução da casa paroquial, recuo da cerca do terreno na abertura de uma rua, ajuda da Prefeitura a pessoas doentes, ajuda de vizinhos à pessoa doente, cooperação mútua entre duas associações de moradores, pedágio e ajuda a pessoas acidentadas no trânsito.

A pergunta sobre grau de cooperação buscava identificar o grau de cooperação em alguns relacionamentos numa variação que ia de nenhuma a total, passando por muito baixa, baixa, alta e muito alta, solicitando do respondente uma graduação para cada relacionamento.

A tabela seguinte resume as respostas obtidas:

Tabela 4.8 – Graus de Cooperação em Capela de Santana

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Dentro das famílias		1	3	5	3	1
Entre famílias			5	3	3	2
Entre vizinhos de mesma rua			5	3	2	3
Entre vizinhos de bairro			7	2	2	2
Entre os munícipes		1	5	4	1	2

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Dentro das famílias, entre famílias e entre vizinhos de rua, pode-se falar de um grau de cooperação alto. Já entre vizinhos de bairro e entre os munícipes, predomina um grau de cooperação neutro, pelo menos, na opinião dos respondentes.

Na pergunta sobre as formas de cooperação existentes na cidade, duas pessoas não souberam responder, enquanto quatro citaram os eventos para arrecadar fundos para a construção do prédio da APAE. Outras formas citadas foram o recuo das cercas para a abertura de ruas, a doação coletiva de sangue para alguém que necessite; almoços beneficentes, ajuda mútua entre vizinhos de bairro, doação de material para a construção da sede da associação de moradores, pedágios e doação de agasalhos.

Quanto à questão sobre em quais segmentos da comunidade a cooperação acontece com mais facilidade e melhores resultados, quatro pessoas citaram a igreja, duas as escolas, duas as associações, um as localidades afastadas da cidades e uma o comércio. Por outro lado, três pessoas disseram que a cooperação é igual, independentemente de segmento e uma quarta disse não saber algum segmento em particular. Por fim, houve uma menção à cooperação entre os pobres como sendo a mais fácil e bem sucedida.

Na pergunta sobre trabalho voluntário na comunidade, 10 pessoas afirmam desenvolver algo neste sentido, o que dá 77% do total. Entre as razões, há seis relatos do tipo “ajudo porque gosto”, além de mais seis relatos de pessoas que

colaboram porque dizem que há pessoas que precisam de ajuda e pessoas que devem ajudar.

#### 4.5.2 **Cooperação em Nova Hartz**

Como exemplos de cooperação ocorridos na cidade de Nova Hartz, foram citadas diversas iniciativas:

- campanhas de arrecadação de fundos para APAE, escolas e igrejas
- rifa de um armário para ajudar um conhecido do bairro
- doação de material para casa incendiada
- rancho distribuído no Natal para famílias carentes
- colaboração nas festas de igreja
- organização de um almoço do tipo “meio frango”.
- pedágios
- irmãos construindo duas casas no mesmo terreno

Houve três relatos, ressaltando a grande cooperação que se percebe na comunidade. Textualmente: “... há muita cooperação aqui em Nova Hartz. A cooperação aqui é grande. Nós, que precisamos do povo, das campanhas que a gente faz, temos o apoio total da comunidade.” Ou então: “... embora o número reduzido de pessoas que participe em termos do total da comunidade, acho que há uma boa vontade nestas pessoas, são bastante voluntárias.” Também: “... em caso de enchente, um ajuda o outro. Roupas, colchão, o que precisa. Nova Hartz é muito bonito.” No entanto, duas pessoas disseram não existir muita cooperação na cidade.

A pergunta sobre grau de cooperação buscava identificar a intensidade da cooperação em alguns relacionamentos, que envolviam maior ou menor proximidade, numa variação que ia de nenhuma a total, passando por muito baixa, baixa, alta e muito alta, solicitando do respondente uma graduação para cada relacionamento.

A tabela seguinte resume as respostas obtidas:

Tabela 4.9 – Graus de Cooperação em Nova Hartz

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Dentro das famílias			2	5	4	2
Entre famílias			3	7	1	2
Entre vizinhos de mesma rua			4	6	1	2
Entre vizinhos de bairro			2	10		1
Entre os munícipes		1	2	7	1	2

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Em todos os tipos de relacionamentos, o grau de cooperação se situa entre alto e muito alto em Nova Hartz a julgar pela opinião dos entrevistados.

Na pergunta sobre as formas de cooperação existentes na cidade, duas pessoas não souberam responder. Algumas formas relatadas foram: doação de alimentos, colaboração financeira em eventos e obras, ajuda mútua entre vizinhos de bairro, colaboração entre empresas e entidades, pedágios e campanhas de agasalho.

Quanto à questão sobre em quais segmentos da comunidade a cooperação acontece com mais facilidade e melhores resultados, seis pessoas citaram a igreja, duas citaram as fábricas, uma citou as entidades (APAE e Associação de Voluntários no combate ao câncer) e outra as sociedades.

Por outro lado, duas pessoas citaram os pobres como os que mais cooperam, outras duas elencaram os “médios”, ou seja, aqueles que não são nem ricos, nem muito pobres. Em contrapartida, duas pessoas disseram que os ricos são os que menos cooperam.

Na pergunta sobre trabalho voluntário na comunidade, 8 pessoas afirmam desenvolver atividade neste sentido, o que dá 62% do total. Entre as razões, há três pessoas que dizem ajudar porque gostam, além de mais cinco relatos de pessoas

que colaboram porque dizem que há pessoas que precisam de ajuda e que, por isso, deve haver outras pessoas (como elas) que ajudem.

#### 4.5.3 Comparativo entre Capela de Santana e Nova Hartz

Comparando-se os resultados das questões relativas à cooperação nas duas cidades, destacamos os seguintes pontos:

De modo geral, os exemplos de cooperação em Capela de Santana se concentraram nas festas e no exemplo da casa incendiada. Em Nova Hartz, os exemplos foram bem mais variados.

Na pergunta sobre o grau de cooperação, temos os seguintes resultados em base comparativa:

Tabela 4.10 – Comparativo de Cooperação entre Capela de Santana e Nova Hartz

	Nenhuma	Muito baixa	Baixa	Alta	Muito alta	Total
Dentro das famílias				CS	NH	
Entre famílias				CS	NH	
Entre vizinhos de mesma rua				CS	NH	
Entre vizinhos de bairro			CS	NH		
Entre os munícipes				CS	NH	

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Ou seja, os resultados em Nova Hartz são melhores do que em Capela de Santana em todos os relacionamentos pesquisados.

Na pergunta sobre formas de cooperação, não houve diferença significativa nas respostas nos dois municípios.

Quanto à questão sobre os segmentos em que a cooperação acontece com mais facilidade e melhores resultados, a igreja se destacou nos dois municípios,

porém, em Nova Hartz com maior intensidade. Por outro lado, pobres e “médios” cooperam bem mais em Nova Hartz do que em Capela de Santana.

Já o trabalho voluntário acontece mais em Capela de Santana do que em Nova Hartz. Ressalte-se, porém, que, em Capela de Santana, a vontade de ajudar vem mais de um sentimento de satisfação interior - ajudo, porque gosto -, enquanto que, em Nova Hartz, o que motiva as pessoas é mais um sentimento de dever – pessoas precisam de ajuda e, por isso, alguém precisa ajudar.

Em resumo, pode-se dizer que a cooperação entre as pessoas é maior em Nova Hartz, ocorrendo de formas multivariadas, mas, mais fortemente nas igrejas. Apenas no que tange ao trabalho voluntário o resultado é melhor em Capela de Santana.

Definição nominal	Definição operacional	Resultados
Expectativa de comportamento estável, honesto e cooperativo	Formas de cooperação	doação de alimentos colaboração financeira em eventos e obras ajuda mútua entre vizinhos de bairro colaboração entre empresas e entidades campanhas de agasalho campanhas de arrecadação de fundos para APAE, escolas e igrejas rifa de um armário para ajudar um conhecido do bairro doação de material para casa incendiada rancho distribuído no Natal para famílias carentes colaboração nas festas de igreja organização de um almoço do tipo “meio frango”. pedágios irmãos construindo duas casas no mesmo terreno



Instituições em que a cooperação aparece	Igrejas Fábricas Entidades beneficentes Sociedades Escolas Localidades afastadas Comércio
Segmentos da população que mais cooperam	Pobres Médios
Causas do trabalho voluntário	Por gostar Por considerar necessário ajudar a quem precisa

Figura 4.1 – Resultados da Cooperação em Capela de Santana e Nova Hartz

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

#### 4.6 COMPROMETIMENTO

O grau de comprometimento em uma comunidade é uma medida do Capital Social desta comunidade.

##### 4.6.1 Comprometimento em Capela de Santana

Na pergunta que pedia uma definição de comprometimento, oito pessoas fizeram associações com responsabilidade e concretização de um compromisso assumido. Uma fez vinculação com confiança e outra fez uma relação mais ampla, conforme segue textualmente: *“...comprometimento é fazer parte da coisa como um todo, da comunidade, da entidade, é tu participar, tu te interessar pelo que acontece, pelo país, pelo estado, pelo município, não deixar que os outros façam as coisas, mas a gente... a gente fazer também.”*

Por outro lado, duas pessoas não conseguiram responder a pergunta.

Na pergunta que visava a graduar o grau de comprometimento das pessoas, temos o seguinte quadro resumo:

Tabela 4.11 – Graus de Comprometimento em Capela de Santana I

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Com a sua própria família		1	2	4	2	4
Com seu trabalho		1	3	5	2	2
Com o meio ambiente		2	8	2		1
Com os necessitados		2	4	6		1
Com a comunidade		2	4	5		2

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Ou seja, se, por um lado, pode-se dizer que é muito alto o comprometimento com a própria família e com o trabalho, por outro, é baixo o comprometimento com o meio ambiente, enquanto que, com os necessitados e com a comunidade, podemos classificar o comprometimento como sendo alto.

Na pergunta que visava a graduar o grau de comprometimento de alguns profissionais em relação ao seu trabalho e à comunidade, temos o seguinte quadro resumo:

Tabela 4.12 – Graus de Comprometimento em Capela de Santana II

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Professores			1	6	3	3
Diretores de escola			3	2	3	5
Pais de alunos na escola		2	6	4	1	
Médicos		1	3	7	1	1
Dentistas		1	3	7	2	
Paramédicos		1	2	5	4	
Agentes de saúde		1	1	3		3
Jornalistas			1	6		2

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Percebe-se um comprometimento muito alto de professores e diretores de escola, contrabalançados por um baixo grau de comprometimento dos pais. Já o grau de comprometimento das pessoas da área da saúde pode ser considerado como alto, da mesma forma que o dos jornalistas.

#### 4.6.2 Comprometimento em Nova Hartz

Na pergunta que pedia uma definição de comprometimento, doze pessoas fizeram associações com responsabilidade e concretização de um compromisso assumido. Apenas uma pessoa não conseguiu responder a pergunta.

Na pergunta que visava graduar o grau de comprometimento das pessoas, temos o seguinte:

Tabela 4.13 – Graus de comprometimento em Nova Hartz I

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Com a sua própria família			1	6	3	3
Com seu trabalho			2	6	2	3
Com o meio ambiente	1		6	4		2
Com os necessitados			3	6	1	3
Com a comunidade			3	6	2	2

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Ou seja, se, por um lado, pode-se dizer que é muito alto o comprometimento com a própria família e com o trabalho, por outro, é baixo o comprometimento com o meio ambiente, enquanto que, com os necessitados e com a comunidade, podemos classificar o comprometimento como sendo muito alto.

Na pergunta que visava a graduar o grau de comprometimento de alguns profissionais em relação ao seu trabalho e à comunidade, temos o seguinte quadro resumo:

Tabela 4.14 – Graus de Comprometimento em Nova Hartz II

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Professores				7	2	4
Diretores de escola			1	6	2	4
Pais de alunos na escola			6	5	1	1
Médicos			4	7	1	1
Dentistas			2	6	4	1
Paramédicos			2	8	1	2
Agentes de saúde			2	6	1	3
Jornalistas			3	1	1	2

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Percebe-se um comprometimento muito alto de professores e diretores de escola, e um grau de comprometimento apenas médio dos pais. Já o grau de comprometimento das pessoas da área da saúde pode ser considerado como muito alto, enquanto que o dos jornalistas pode ser considerado alto.

#### 4.6.3 Comparativo entre Capela de Santana e Nova Hartz

Na pergunta que pedia uma definição de comprometimento, tivemos um relação bem mais significativa com responsabilidade e com cumprimento de compromissos assumidos em Nova Hartz do que em Capela de Santana.

Na pergunta sobre o grau de comprometimento das pessoas, temos os seguintes resultados em base comparativa:

Tabela 4.15 – Comparativo de Comprometimento entre Capela de Santana e Nova Hartz I

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Com a sua própria família					CS/NH	
Com seu trabalho					CS/NH	
Com o meio ambiente			CS/NH			
Com os necessitados				CS	NH	
Com a comunidade				CS	NH	

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Percebe-se igualdade nos três primeiros relacionamentos, porém, quando se chega aos necessitados e à comunidade, o grau de comprometimento em Nova Hartz é maior do que em Capela de Santana.

Já na pergunta sobre o grau de comprometimento de alguns profissionais, temos:

Tabela 4.16 – Comparativo de Comprometimento entre Capela de Santana e Nova Hartz II

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Professores					CS/NH	
Diretores de escola					CS/NH	
Pais de alunos na escola			CS	NH		
Médicos				CS	NH	
Dentistas				CS	NH	
Paramédicos				CS	NH	
Agentes de saúde				CS	NH	
Jornalistas				CS/NH		

Fonte: Pesquisa de campo em Capela de Santana e Nova Hartz (set/2001)

Embora haja igualdade no que tange ao comprometimento de professores, diretores de escola e jornalistas, Nova Hartz leva vantagem no grau de comprometimento dos profissionais da área médica e dos pais de alunos na escola.

Ou seja, no item comprometimento, pode-se afirmar que a comunidade de Nova Hartz é mais comprometida do que a de Capela de Santana.

## **5 RELAÇÕES QUALITATIVAS ENTRE CAPITAL SOCIAL E DESENVOLVIMENTO**

Uma vez apresentados os resultados das entrevistas, conforme seção anterior, retoma-se o problema de pesquisa, formulado inicialmente:

**Existem relações qualitativas entre níveis de Capital Social e níveis de desenvolvimento em municípios gaúchos?**

Para isso, é preciso primeiro verificar se há efetivamente níveis mais altos de Capital Social em uma cidade do que em outra. Na seqüência, verifica-se as variações nos níveis de desenvolvimento nos dois municípios. Por fim, o desafio é estabelecer ou não relações qualitativas entre Capital Social e Desenvolvimento.

### **5.1 NÍVEIS DE CAPITAL SOCIAL**

Numa análise comparativa entre Capela de Santana e Nova Hartz, a partir das variáveis operacionais objeto de estudo, é possível constatar níveis diferentes de Capital Social entre as duas cidades, embora não tenha sido possível estabelecê-los objetivamente.

Houve a tentativa de estabelecimento do Índice de Capital Social - ICS, mas ela esbarrou nas informações prestadas pelos próprios presidentes das associações horizontais sobre elas. Tais informações foram consideradas pouco confiáveis por este pesquisador. Além disso, não foi possível identificar claramente as externalidades decorrentes da existência e da atividade das associações horizontais tanto em um município como em outro. Não obstante, os resultados das entrevistas mostraram que há mais confiança, cooperação e comprometimento em Nova Hartz do que em Capela de Santana. Quanto aos usos e fontes de Capital Social, constatou-se um certo equilíbrio entre os dois municípios na pesquisa realizada.

Além disso, algumas situações, particularmente em Nova Hartz, precisam ser comentadas.

A Comunidade Católica de Nova Hartz está construindo uma nova igreja em virtude, fundamentalmente, da participação, do envolvimento e da colaboração de seus integrantes. Há o relato de uma confissão religiosa, Testemunhas de Jeová, que construiu, em alvenaria, sua igreja em apenas um mês, graças ao empenho pessoal de seus seguidores, que não mediram esforços para tanto, trabalhando à noite e mesmo nos fins de semana. Este relato foi confirmado e é procedente.

A cidade conta com dois clubes sociais com um total de 850 sócios numa cidade de 15.000 habitantes. Se levarmos em conta que cada sócio tem, em média, mais três dependentes, chegamos a um quantitativo de 3400 pessoas participando da vida social em clubes, o que é um dado bastante significativo.

Na área econômica, constata-se que as fábricas de calçados de Nova Hartz são comandadas por empresários locais, que nasceram pobres e cresceram junto com seus atuais colaboradores. Não é raro encontrar trabalhadores que estão há mais de 20 anos na mesma fábrica. A empresa Calçados Via Marte chegou inclusive a ajudar seus empregados a adquirir um terreno e construir suas casas.

Já em Capela de Santana, o destaque se resume à Associação dos Moradores do bairro São Lucas, que existe há quinze anos, com direito à sede própria e com um patrimônio avaliado em R\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil reais).

Mesmo sem um índice que pudesse estabelecer níveis maiores ou menores de Capital Social, é possível afirmar, com poucas chances de errar, que há, sim, mais Capital Social em Nova Hartz do que em Capela de Santana.

## 5.2 NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO

Conforme já apontado no item 3.3.1.1, não foi possível utilizar o IDH-M para medir as variações no nível de desenvolvimento nos dois municípios pesquisados.

Em vista disso e buscando definir um índice que tivesse tanto uma expressividade na dimensão municipal como uma formatação orientada dentro da ótica do desenvolvimento humano, optou-se pelo IDSA da FEE como o indicador do nível de desenvolvimento.

O IDSA se subdivide em 4 blocos, Condições de Domicílio e Saneamento, Educação, Saúde e Renda, os quais também são expressos através de indicadores numéricos.

O IDSA de cada município é o número resultante da média aritmética dos índices de cada um dos quatro blocos nos quais é dividido, lembrando que, quanto mais próximo de 1 for o índice, melhor será a situação do município. O período considerado é o intervalo de 5 anos, ou seja, de 1991 a 1996.

Construindo uma tabela com os índices de Capela de Santana e Nova Hartz, temos:

Tabela 5.1 – Comparativo do IDSA entre Capela de Santana e Nova Hartz

	<b>Capela de Santana</b>	<b>Capela de Santana</b>	<b>Nova Hartz</b>	<b>Nova Hartz</b>
	<b>1991</b>	<b>1996</b>	<b>1991</b>	<b>1996</b>
<b>ICDS</b>	0.33	0.42	0.20	0.23
<b>IE</b>	0.39	0.34	0.48	0.49
<b>IS</b>	0.44	0.40	0.38	0.38
<b>IR</b>	0.38	0.39	0.53	0.63
<b>IDSA</b>	0.38	0.39	0.40	0.43

Fonte: FEE



A tabela acima evidencia um crescimento no IDSA em Nova Hartz maior do que em Capela de Santana no período considerado. Pode-se perceber que a evolução em Nova Hartz é maior, tanto em termos absolutos, cresce 0,03 contra 0,01, como em termos relativos, aumenta 7,5% contra 2,6% em Capela de Santana.

Nota-se também uma melhora ou, pelo menos, manutenção em todos os indicadores intermediários que formam o IDSA em Nova Hartz, enquanto que, em Capela de Santana, dois indicadores, o de educação e o de saúde, experimentam uma piora.

Há, também um crescimento significativo no indicador de renda em Nova Hartz, que cresce 0, 10 no período considerado, o que dá 18,9% em termos relativos.

Ou seja, pela mensuração do IDSA, parece que Nova Hartz vem se desenvolvendo numa velocidade maior do que Capela de Santana.

### 5.3 RELAÇÕES QUALITATIVAS ENTRE CAPITAL SOCIAL E DESENVOLVIMENTO

Pelo que vimos acima, é possível afirmar que Nova Hartz se desenvolve com mais rapidez do que Capela da Santana.

Alguém poderia supor que o principal determinante para isso seja a melhor base industrial instalada na cidade, principalmente, no que se refere ao setor calçadista. No entanto, vale ressaltar que o setor vivia uma crise de fortes proporções até bem pouco tempo em virtude da forte concorrência chinesa. Por outro lado, registre-se que também há fábricas de sapatos em Capela de Santana.

Outra possível justificativa para este maior desenvolvimento em Nova Hartz poderia ser atribuído à colonização alemã com sua disciplina para o trabalho, orientada pela ética protestante. No entanto, também houve alemães no processo de colonização de Capela de Santana. Além disso, é expressivo o número de

imigrantes nas duas cidades, basta observar a própria origem dos presidentes de associações entrevistados neste trabalho. Nova Hartz chega a ter um distrito, Campo Vicente, no qual se estima que vivam 5.000 habitantes, predominantemente imigrantes de outras cidades do Estado, vindos maciçamente da região do Planalto Médio gaúcho, provavelmente expulsos pela modernização conservadora que se efetivou nas últimas décadas nesta região do Rio Grande do Sul.

Poderiam a confiança, a cooperação, as relações horizontais, em suma, o Capital Social ter alguma influência neste resultado? É possível afirmar que sim. Tanto quanto o capital físico, indiretamente comentado dois parágrafos acima, e quanto o capital humano, do parágrafo anterior, o Capital Social influencia positivamente no desenvolvimento de uma comunidade na medida em que facilita a troca de informações entre seus membros, aumenta os custos da transgressão e reduz os níveis de desconfiança.

## 6 CONCLUSÕES

Ao término desta dissertação, restou, de certa forma, um sentimento de insatisfação. Vários desdobramentos foram surgindo ao longo do trabalho, mas não puderam ser investigados ou aprofundados sob pena de se desviar do caminho originalmente traçado.

Por exemplo, um estudo mais aprofundado do perfil dos líderes das associações horizontais, buscando identificar que fatores contribuem para o envolvimento em atividades associativas seria um tema de pesquisa bastante desafiador. Descobrir a razão do predomínio de pessoas não nascidas na cidade como líderes de associações também é algo que desperta curiosidade. Relacionar as motivações de envolvimento e participação destes migrante internos com o conceito de Capital Social parece uma possibilidade de estudo bastante atraente.

Restou imperiosa também a necessidade de estabelecer um índice que mensurasse o Capital Social de uma comunidade. Embora reconheça a extrema dificuldade para obter este índice, entendo que é possível obtê-lo e creio que sua criação seria de enorme valia para a difusão e a operacionalização do conceito de Capital Social como ferramenta em planos de desenvolvimento. Constitui-se, portanto, numa sugestão de pesquisa para aqueles que desejem ir mais além do que se conseguiu chegar no presente trabalho.

Por outro lado, o fato do IDH-M do ano 2000 não estar ainda disponível foi particularmente frustrante. Números mais recentes poderiam permitir conclusões mais precisas, na medida em que se teria um intervalo maior de tempo para comparar os níveis de desenvolvimento nos dois municípios pesquisados.

Outro desdobramento interessante seria investigar as formas pelas quais os administradores municipais poderiam fomentar o Capital Social em suas

comunidades. Como fazer para aumentar o grau de confiança e de cooperação no seio da comunidade? Como fazer para que surjam novas associações horizontais? Como aumentar a frequência e o envolvimento naquelas já existentes? Como estimular as boas condutas, fontes que são de Capital Social? Acredito que tal estudo seria particularmente útil para municípios novos e/ou pequenos, que enfrentam dificuldades para encontrar o caminho para o desenvolvimento.

Não é demais reiterar que este tema é apaixonante! Quando se vê pessoas simples trabalhando de graça para melhorar a vida de seus concidadãos, fora de qualquer lógica mais economicista, percebe-se o alcance que fatores tais como a confiança e a cooperação podem ter na construção de um mundo melhor para todos nós.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Pedro. *Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional*. Texto para discussão no. 630. Brasília, IPEA, 1999.

BERMAN, Sheri. *Civil Society and the Collapse of the Weimar Republic*. *World Politics* 49. P 401-429.

COLEMAN, James. *Foundations of Social Theory*. Cambridge, Mass: Harvard University, 1990.

\_\_\_\_\_. *Social Capital in the creation of Human Capital*. In: DASGUPTA, Partha, SERALGEDIN, Ismail. *Social capital: a multifaceted perspective*. Washington, D.C.: World Bank, 2000. p. 13-39.

FUKUYAMA, Francis. *Confiança: as virtude sociais e a criação da prosperidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

\_\_\_\_\_. *Social Capital and civil society*. Mimeo. Trabalho apresentado na IMF Conference on Second Generation of Reforms, 1999.

KNACK, S. e KEEFER, P. *Does social capital have an economic payoff? A cross-country investigation*. *Quarterly Journal of Economics*, v. 112, n. 4, p. 1251-88, 1997.

KOTLER, Philip, JATUSRIPITAK, Somkid, MAESINCEE, Suvit. *O Marketing das Nações: uma abordagem estratégica para construir as riquezas nacionais*. São Paulo: Futura, 1997.

KRISHNA, Anirudh. *Creating and Harnessing Social Capital*. In: DASGUPTA, Partha, SERALGEDIN, Ismail. *Social capital: a multifaceted perspective*. Washington, D.C.: World Bank, 2000. p. 71-93.

MARTIN, Hans Peter, SCHUMANN, Harald. *A Armadilha da Globalização*. São Paulo: Globo, 1999.

MESQUITA, Zilá. *Para compreender competição e cooperação*. In: Revista Convergencia, año 6, número 19, mayo-agosto 1999. P 157-173.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora), DESLANDES, Suely Ferreira, CRUZ NETO, Otávio. GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petropolis: Vozes, 1994.

MONASTERIO, Leonardo M. *Capital Social e grupos de interesse: uma reflexão no âmbito da economia regional*. In: XXVII Encontro Nacional de Economia, 1999, Belém. Anais Belém: ANPEC, 1999.

\_\_\_\_\_, Leonardo M. *Capital Social e Crescimento Econômico*. In: XXVIII Encontro Nacional de Economia, 2000, Fortaleza. Anais Fortaleza: ANPEC, 2000.

OSBORNE, David, GAEBLER, Ted. *Reinventando o Governo*. Brasília. MH Comunicação, 1994.

PORTES, Alejandro. *Capital Social: Origens e aplicações na Sociologia Contemporânea*. Sociologia, problemas e práticas, n 33, p. 133-158, 2000.

PORTES, Alejandro, LANDOLT, Patricia. *The Downside of Social Capital*. The American Prospect. May-June, n 26, p. 18-21, 1996.

PUTNAM, Robert. *Bowling Alone: America's Declining Social Capital*. New York: Simon & Schuster, 1995.

\_\_\_\_\_. *Bowling Alone: the collapse and revival of American community*. New York: Simon & Schuster, 2000.

\_\_\_\_\_. *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

SERALGEDIN, Ismail, GROOTAERT, Christian. *Defining Social Capital: an integrating view*. In: DASGUPTA, Partha, SERALGEDIN, Ismail. *Social capital: a multifaceted perspective*. Washington, D.C.: World Bank, 2000. p. 40-58.

SOUZA FILHO, Jorge Renato. *Desenvolvimento Regional Endógeno, Capital Social e participação*. Porto Alegre: PPGA/UFRGS, 1999.

TEXTOS de Fundamentação. *Curso de desenvolvimento local sustentado*. Rio de Janeiro: IBAM/CEF, 1999.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas, 1998.

## ANEXO A - ROTEIRO DA ENTREVISTA

### QUESTIONÁRIO

1) (G1) Em qual cidade você mora?

- Capela de Santana
- Nova Hartz

2) (G2) Você mora ...

- na zona urbana
- na zona rural

3) (G3) Qual a sua idade?

3.1) (G3.1) Qual a sua profissão?

3.2) (G3.2) Em que cidade você nasceu?

4) (G4) Até que ano você estudou?

- até 1. Grau completo
- até 2. Grau completo
- superior incompleto
- superior completo

5) (L1) De qual(is) associação(ões) você é líder?

- Associação de moradores
- Clube de serviço
- Clube de futebol
- Clube social
- CPM
- CTG



6) (L2) Como você se tornou líder desta associação?

7) (L3) Com que frequência você participa de reuniões ou encontros?

8) (L4) Como você classificaria a participação de outras pessoas nestas associações:

- muito intensa
- intensa
- baixa
- muito baixa

9) (A1) Quantos membros tem sua associação?

10) (L3) Quantos encontros acontecem por mês?

11) (A3) Quantas pessoas comparecem, em média, a estes encontros?

Assinale o seu grau de concordância com as frases abaixo:

12) (A4) É difícil alguém dar um golpe por aqui, porque a maioria se conhece, pelo menos de vista, lá no clube ou na associação.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

13) (A5) Há entre os membros da associação um sentimento mais forte no sentido de manter promessas e agir de acordo com o que é certo.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

14) (A6) É muito mais fácil tomar conhecimento das pessoas que tem boa ou má reputação na comunidade.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

15) (F1) A maior parte dos motoristas pratica a direção defensiva, ou seja, dirige de forma a evitar acidentes consigo e com os outros.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

16) (F2) A maior parte das pessoas que pegam dinheiro emprestado paga pontualmente seus compromissos.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

17) (F3) Muitas pessoas contribuem com dinheiro em ações de caridade.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

18) (F4) Muitas pessoas ajudam outras pessoas da comunidade sem esperar receber uma contrapartida imediata por conta disso.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

19) (F5) Há preocupação de todos em manter as ruas limpas e acondicionar o lixo adequadamente.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

20) (C1) Na sua opinião, o que é confiança?

21) (C2) Você confia mais nas pessoas que pertencem às associações das quais você participa?

22) (C3) Como você percebe se alguém ou algo é digno de confiança, é confiável?

23) (C4) A quem você recorre quando tem problemas?

24) (C5) Defina na escala abaixo o seu grau de confiança, entendida como a *expectativa de comportamento estável, honesto e cooperativo, baseado em normas compartilhadas pelos membros da comunidade*, nas seguintes pessoas/instituições:

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Em si mesmo						
Família						
Vizinhos						
Patrão						
Empresários em geral						
Imigrantes de outras cidades do RS						
Imigrantes de outros estados						
Estrangeiros						
Juízes						
Poder Judiciário						
Policiais Civis						
Policiais Militares						
Vereadores						
Câmara de Vereadores						
Deputados Estaduais						
Assembléia Legislativa						
Deputados Federais						
Senadores						
Câmara dos Deputados						
Senado Federal						
Prefeito Municipal						
Governador do Estado						
Presidente da República						
	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Imprensa local						
Imprensa estadual						
Imprensa nacional						

Assinale o seu grau de concordância com as frases abaixo:

25) (U1) As dívidas informais são pagas regularmente.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

26) (U2) Há muitas pessoas necessitadas que sobrevivem graças às contribuições e à ajuda de pessoas anônimas.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

27) (U3) É mais seguro deixar as crianças brincarem nas ruas aqui do que em outras cidades, pois os motoristas são mais educados.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

28) (U4) O “caderninho” para anotação de dívidas ainda é muito utilizado nos armazéns daqui.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

29) (U5) É agradável caminhar e passear pelas ruas da cidade.

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

30) (Co1) *Dê um exemplo de cooperação que ocorra aqui na cidade?*

31) (Co2) Na sua opinião, qual o grau de cooperação, entendida como sendo desenvolver um trabalho conjunto, visando alcançar um objetivo comum, nos seguintes relacionamentos:

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Dentro das famílias						
Entre famílias						
Entre vizinhos de mesma rua						
Entre vizinhos de bairro						
Entre os munícipes						

32) (Co3) *Relate as formas de cooperação existentes aqui nesta cidade?*

33) (Co4) *Onde e em que segmento, a cooperação acontece com mais facilidade e melhores resultados?*

34) (Cp1) *Você participa voluntariamente em algum trabalho de auxílio à comunidade?*

- sim
- não

35) (Cp2) *Porquê?*

36) (Cp3) *Na sua opinião, o que é comprometimento?*

37) (Cp4) *Entendendo comprometimento como sendo envolvimento direto, pessoal e voluntário com pessoas, idéias ou causas, as pessoas aqui em ..... são muito comprometidas.*

- concordo totalmente
- concordo parcialmente
- discordo parcialmente
- discordo totalmente

38) (Cp4) *Gradue o grau de comprometimento das pessoas daqui, conforme abaixo:*

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Com a sua própria família						
Com seu trabalho						
Com o meio ambiente						
Com os necessitados						
Com a comunidade						

39) (Cp5) *Gradue na escala abaixo como você percebe o comprometimento com o seu trabalho e com a própria comunidade dos seguintes profissionais:*

	Nenhum	Muito baixo	Baixo	Alto	Muito alto	Total
Professores						
Diretores de escola						
Pais de alunos na escola						
Médicos						
Dentistas						
Paramédicos						
Agentes de saúde						
Jornalistas						

## GLOSSÁRIO

Associações horizontais: associações de indivíduos pouco hierarquizadas e sem forte barreiras à entrada, onde seus integrantes gozam do mesmo status e do mesmo poder, tais como clubes de futebol, grupos de bolão e clubes de serviço (Putnam ,1996).

Associações verticais: associações de indivíduos caracterizada por relacionamentos hierárquicos e pela distribuição desigual de poder entre seus membros.

Comprometimento: envolvimento direto, pessoal e voluntário com pessoas, idéias ou causas.

Confiança: expectativa que nasce no seio de uma comunidade de comportamento estável, honesto e cooperativo, baseado em normas compartilhadas pelos membros dessa comunidade (Fukuyama, 1996).

Cooperação: desenvolvimento de um trabalho conjunto, visando alcançar um objetivo comum; operar junto (Zilá Mesquita, 1999).

Dilema do prisioneiro: problema criado pelo húngaro John von Neumann, criador da Teoria dos Jogos e que consiste na seguinte situação: você e seu cúmplice foram arrastados até a delegacia de polícia e colocados em celas separadas; o promotor diz a você que a polícia possui evidência suficiente para mandá-los para trás das grades por um ano, mas não o bastante para uma condenação mais pesada; porém, se você confessar e concordar em depor contra seu cúmplice, você ficará livre por ter colaborado, e ele irá para a cadeia por três anos; já se ambos confessarem o crime, os dois não precisarão de sua cooperação e cada um sofrerá uma pena de dois anos; o que fazer? Obviamente, para você, o melhor resultado possível é você confessar e seu parceiro ficar calado (na linguagem da teoria do jogo, salvar sua

própria pele, sem se importar com mais nada, é chamado "defecção"). E até mesmo se seu parceiro confessar, você ainda lucra por defectar, já que, se permanecer em silêncio, você pegará três anos de cadeia, enquanto que confessando você só vai pegar dois. Em outras palavras, seja qual for a opção do seu parceiro (e você não tem jeito de saber a decisão dele), você se sai melhor defectando. Porém, se seu parceiro for tão esperto quanto você, ele vai chegar à mesma conclusão: a escolha racional é confessar. Essa lógica vai, dessa forma, proporcionar a ambos dois anos na cadeia. Será que isso é realmente "racional" quando, se ambos ficassem calados ("cooperação"), cada um poderia pegar apenas um ano? No geral, a cooperação mútua é o melhor, já que a quantidade total de tempo que ambos pegariam seria de dois anos em vez de três ou quatro. Então, você deve cooperar, certo? Bem, suponhamos que o seu parceiro não chegue a essa conclusão, ou que ele chegue, mas decida se aproveitar de sua confiança, defectando. Neste caso, você terá que encarar o pior resultado possível: três anos vendo o sol nascer quadrado. O que vai ser: você confia nele ou não? O que é mais racional, cooperação ou defecção? Esta questão aparentemente simples contém paralelos com situações do nosso cotidiano, que nos colocam sempre em xeque sobre cooperar ou não.

Externalidades: as externalidades estão presentes sempre que terceiros ganham sem pagar por seus benefícios marginais ou perdem sem ser compensados por suportarem o malefício adicional. Assim, externalidade existe quando o bem-estar de um indivíduo é afetado, não só pelas suas atividades de consumo como também pelas atividades de outros indivíduos. Externalidades positivas, *benefícios externos*, deveriam ter preços positivos por representarem benefícios não apropriadamente pagos. Por exemplo, uma empresa desenvolve um método de produção ou administração de baixo custo que é absorvido gratuitamente por outra empresa. Ou quando um fazendeiro preserva uma área florestal que favorece gratuitamente a proteção do solo de outros fazendeiros. Externalidades negativas, *custos externos*, deveriam ter preços negativos por significarem perda de utilidade. Exemplos de externalidades negativas são vários, principalmente aqueles de cunho ambiental. Um exemplo seria a degradação ou exaustão de recursos ambientais decorrentes das atividades de produção e consumo de certos bens que prejudicam a saúde humana e a produção de outros bens que também destroem a fauna e flora.



Fontes de Capital Social: modos de conduta de alguns indivíduos em uma comunidade que beneficiam indistintamente todos os membros da mesma.

Organizações não governamentais: conjunto de entidades sem fins lucrativos com características peculiares reconhecidas pelos seus agentes, pelo senso comum ou pela opinião pública, que ou atuam junto a segmentos da sociedade não atendidos pelo mercado e pelo Estado ou complementam a atuação do mercado e do Estado junto a estes mesmos segmentos.

Organização social: se refere à organização da sociedade como um todo, tendo por características os modos e formas utilizados no cotidiano das relações e inter-relações entre seus integrantes.

Terceiro Setor: é o conjunto de iniciativas particulares sem fins lucrativos com um sentido público, compostos por formas tradicionais de ajuda mútua (atividades assistenciais e beneficentes), movimentos sociais e associações civis (associações de bairro, grupos feministas), filantropia empresarial (fundações ligadas a empresas privadas) e ONGs, (Folha de São Paulo, 18/09/1999).

Usos do capital Social: benefícios reais usufruídos por toda uma comunidade em função do modo de agir de alguns de seus membros.